

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Carlos Augusto Loureiro Sampaio**

**O ATO DE CUIDAR EM PEQUENOS GRUPOS:  
um estudo de caso da Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil**

**Rio de Janeiro**

**2011**

Carlos Augusto Loureiro Sampaio

O ATO DE CUIDAR EM PEQUENOS GRUPOS:  
um estudo de caso da Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sueli Barbosa Thomaz.

Rio de Janeiro

2011

Carlos Augusto Loureiro Sampaio

O ATO DE CUIDAR EM PEQUENOS GRUPOS:  
um estudo de caso da Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Phd. Sueli Barbosa Thomaz

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Phd. Lucia de Mello e Souza Lehmann

Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Phd. Sandra Albernaz de Medeiros

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Phd. Miguel Angel Barrenechea

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha esposa Dina e aos meus filhos Felipe e Tiago, pelo apoio, pela inspiração, por viver na relação com eles essa realidade do cuidar e ser cuidado.

Agradeço ao Senhor Jesus por ele ter me salvo, ao exemplo de cuidador que ele é na minha vida, na vida das pessoas a quem eu amo.

Agradeço a Igreja Presbiteriana Betânia de São Francisco, aos meus colegas Pastores, Presbíteros, Diáconos.

Agradeço aos Líderes, Supervisores e Membros dos pequenos grupos que voluntariamente participaram desse projeto.

Agradeço ao Pastor Josué Rodrigues, por ter trazido para a Igreja Betânia a visão do cuidar por meio dos pequenos grupos e autorizado essa pesquisa, além de ter dado todo o apoio necessário.

Agradeço aos meus orientadores, a Prof<sup>a</sup>. Sueli Thomaz, por ter acreditado no projeto e ter me conduzido com carinho, com firmeza, sem permitir que eu desistisse, a despeito das dificuldades que surgiram. Pela sua amizade também, me acolhendo como parte da sua família.

A co-orientadora Prof<sup>a</sup>. Sandra Medeiros, pela orientação, pela voz amiga, pela escuta cuidadora, pelas orientações com relação aos teóricos do cuidar, e do incentivo pela sua presença constante.

Ao Prof<sup>o</sup>. Miguel Angel Barrenechea, meu muito obrigado também, pelo seu entusiasmo com o tema da minha pesquisa. Agradeço também aos muitos encontros que tive com Nietzsche, intermediados pelo Prof<sup>o</sup>. Miguel e por suas reflexões e leituras. Obrigado por essa pessoa cuidadora, por seu coração cuidador, pela preocupação com o cuidar do outro, sempre presente em suas reflexões e ações.

A minha irmã em Cristo, Meise Malheiros, pela sua paciência, sua perseverança, sua habilidade de interpretar meus escritos, por sua fidelidade nesse caminhar na construção dessa dissertação, digitando página por página, meu muito obrigado.

Agradeço a Universidade UNIRIO, ao Departamento do Mestrado, a sua Coordenação, Professores, pelo excelente trabalho que me proporcionaram no ensino, durante as aulas e as disciplinas ministradas, com tanto brilhantismo.

Agradeço a amiga Shirlene, pela formatação e revisão do trabalho, pela sua disponibilidade, sempre presente, sempre pronta, pelo seu trabalho atencioso e carinhoso, meu muito obrigado.

Agradeço ao meu amigo Joacy Lopes por seu estímulo e apoio em minha vida Profissional e Pastoral.

## EPIGRAFE

*“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, senão tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o símbalo que retine.*

*Ainda que eu tenha o dom de profetizar, e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, senão tiver amor, nada serei.*

*Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, senão tiver amor, nada disso me aproveitará.*

*O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade, tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba...”*

## RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo investigar o processo de cuidar dos membros que cuidam e que são cuidados na Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil. Para tanto, tornou-se necessário descrever a prática cuidadora dos pequenos grupos, buscando compreender como as pessoas se sentem ao participarem desses grupos. Trata-se de um tema importante, uma vez que não cabe apenas às instituições formais de educação o dever de educar, de cuidar, mas, também das demais instituições sociais, e a Igreja é uma delas. No caso dessa Igreja, em função da demanda de pessoas, tornou-se impossível o atendimento individual e o coletivo, através da palavra, que muitas das vezes não dá conta de responder às necessidades e aflições de cada um. Neste aspecto, o trabalho de cuidar em pequenos grupos surgiu como uma estratégia de ação, que abarcando um número significativo de pessoas, dá conta do processo de cuidar. Trata-se de um estudo de caso tendo a Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil como o *locus* da pesquisa e os pequenos grupos, nela existentes, como objeto de estudo. Pesquisa de cunho qualitativo, exploratória e participante. Para apreensão dos dados fez-se uso das seguintes heurísticas: narrativas, depoimentos e desenhos, analisados à luz dos teóricos estudados. Pode-se afirmar que o trabalho de cuidar no pequeno grupo proporciona àqueles que são cuidados uma melhoria na qualidade de vida, na medida em que podem expor suas aflições, angústias e sofrimentos, diferentemente do trabalho com grandes grupos que não dá conta do cuidar de si e do outro. Amizade, liberdade, ajuda, amor, amparo, transformação, aceitação, união, compromisso, amadurecimento, esperança, paz são algumas das palavras que permearam as narrativas e depoimentos, representadas nos desenhos por árvore, casa, mandala, coração, flores, sorriso e borboletas. Em suma, é um trabalho que pode contribuir para que a Instituição incremente o trabalho de cuidar, sob o olhar de uma prática educativa, em pequenos grupos, que valoriza o aprender a ser e o aprender a viver juntos, um dos pilares que sustentam a Educação do século XXI.

Palavras-chave: Educação, Cuidar, Grupos

## **ABSTRACT**

This study aimed to investigate the process of caring for members who care and are cared for in the Bethany Presbyterian Church of Brazil. To this end, it became necessary to describe the practice of caring in small groups, seeking to understand how people feel when participating in these groups. This is an important issue, since the duty of education and care belongs not only to formal institutions, but also to other social institutions, and the Church is one. In the case of this Church, due to the demand of people, it became impossible only the individual and collective service through the word, which often is not enough to care for the needs and sufferings of each person. In this respect, the caring work in small groups emerged as a strategy for action, covering a significant number of people. It is a case study with the Bethany Presbyterian Church of Brazil as the locus of research and the small groups that exist within it as object of study. Qualitative research, exploratory and participant. The following heuristics were used to grasp the data: narratives, testimonies and drawings seen in the light of theoretical studies. It can be said that the work of caring through the small groups provide a better quality of life, as people can show their distress, anguish and suffering, as opposed to working with large groups that are not sufficient to the care of self and others. Friendship, freedom, help, love, support, transformation, acceptance, unity, commitment, maturity, hope, peace are some of the words that permeated the narratives and testimonies, represented in the drawings by tree, house, mandala, heart, flowers, smile and butterflies. In short, it is a work that can give contributions to the Institution to improve the caring work, under the gaze of an educational practice in small groups, which enhances the learning to be and learning to live together, one of the pillars supporting the twenty-first century Education.

Key-words: Education, Care, Groups

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

UN	Unidade de Contexto
UR	Unidade de Registro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Árvore .....	71
Figura 02 -	Casa de Deus .....	73
Figura 03 -	Família de Deus .....	75
Figura 04 -	Coração .....	77
Figura 05 -	Flor Vermelha .....	79
Figura 06 -	Smile .....	81
Figura 07 -	Borboleta .....	83

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 ORGANIZAÇÃO, INSTITUIÇÃO E GRUPOS .....</b>	<b>21</b>
2.1 ORGANIZAÇÃO .....	22
2.2 A INSTITUIÇÃO .....	23
2.3 OS GRUPOS .....	25
<b>3 O CUIDADO .....</b>	<b>29</b>
3.1 DEFININDO O CUIDADO .....	29
3.1.1 Leonardo Boff .....	29
3.1.2 Donald Winnicott .....	33
3.2 AUTOCONSTITUIR, O CUIDADO EM SI .....	37
3.3 MICHEL FOUCAULT E O CUIDADO DE SI .....	45
3.4 O CUIDAR COMO PROCESSO EDUCATIVO .....	49
<b>4 O PEQUENO GRUPO: o caso da Igreja Presbiteriana Betânia .....</b>	<b>57</b>
4.1 BREVE HISTÓRICO DA IGREJA .....	57
4.2 DINÂMICA E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DA IGREJA .....	57
4.3 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO PEQUENO GRUPO .....	59
4.3.1 Como tudo começou .....	61
4.3.2 O valor do trabalho do pequeno grupo .....	63
4.4 ESTRUTURA DO PEQUENO GRUPO .....	64
4.4.1 Moderador Líder e Moderador Auxiliar .....	65
4.4.2 Moderador Supervisor .....	66
4.4.3 Moderador Pastor de Congregação .....	67

<b>5 O PROCESSO DO CUIDADO NO PEQUENO GRUPO .....</b>	<b>69</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo dos pequenos grupos acompanha a minha vida profissional desde que efetuei o estágio em Psicologia Escolar, para a conclusão do Curso de Psicologia. O trabalho consistia em diagnosticar as possíveis causas que levavam grupos de estudantes do ensino médio a não lograrem êxito no curso, e a partir deste diagnóstico, identificar possíveis caminhos em busca da melhoria da aprendizagem. Estudantes, pais e professores faziam parte da proposta de trabalho.

Paralelo ao estágio em Psicologia Escolar, realizei, como parte da proposta de estágio do referido curso, outro estágio na área de Dependência Química, junto aos grupos de Alcoólicos e Narcóticos Anônimos. Nesses pequenos grupos me impressionava o nível de aceitação do trabalho realizado, a busca pela recuperação e a preocupação em auxiliar aqueles que se encontravam no estágio inicial de libertação da dependência química. Era nítido o grau de empatia, simpatia e de solidariedade.

Realizando estágio simultaneamente com os dois grupos, cheguei, por vezes, a considerar que o comprometimento das pessoas, enquanto membro dos grupos de Alcoólicos e Narcóticos Anônimos, poderia, guardadas as devidas proporções, ser um forte indicador para a recuperação dos estudantes, mas isso exigiria a organização dos estudantes em pequenos grupos, nos quais os próprios estudantes pudessem desenvolver auxílio mútuo, com a orientação de professores e pessoal especializado da escola.

Os anos se passaram e de estudante de psicologia passei a psicólogo clínico. Os conhecimentos adquiridos no curso de graduação exigiam aprofundamento, formação continuada. Desta feita, optei por realizar um curso de extensão em Psicologia Escolar, no Hospital Antonio Pedro (Niterói – RJ).

Fiz parte de uma equipe multidisciplinar, cuja estratégia era desenvolver o trabalho junto aos pacientes em grupos, que não excedessem o número de dez. Pude perceber, mais uma vez, que os pequenos grupos por oferecerem uma atitude acolhedora, acabam por propiciar uma recuperação maior aos pacientes.

Em outro trabalho que realizei numa turma de alfabetização, me deparei com a preocupação de professoras com os seus alunos, na faixa etária entre 4 e 6 anos, que

apresentavam curiosidade sexual. Algumas crianças, segundo as professoras, ao se encontrarem nos banheiros, tiravam suas roupas e ficavam observando as diferenças de seus corpos. Isso gerou insegurança na professoras, uma vez que não sabiam como lidar com o fato. Procurei junto à escola propor alguns encontros com o grupo de professoras, e com grupos de pais para que pudéssemos conversar sobre as questões ligadas à sexualidade das crianças.

Durante alguns encontros poucos pais compareceram e algumas professoras consideraram que este tipo de conversa não seria adequada aos pais. Não havia um entendimento explícito sobre quem deveria orientar as crianças nas questões da sexualidade.

Acredito que a constituição de grupos para discussão da questão teria sido útil para a formação da sexualidade dessas crianças, e conseqüentemente, a orientação de seus pais e professores para lidarem com a questão.

Durante a minha formação em Teologia a questão da sexualidade foi retomada em função do número significativo de jovens grávidas nas diferentes igrejas. Havia, mais uma vez, o desencontro de opiniões sobre o papel da igreja frente à orientação para a sexualidade.

Como psicoterapeuta, atuando com os jovens de igrejas cristãs, pude perceber a falta de informação e a curiosidade dos jovens em relação à sexualidade, fato este que me motivou a procurar um curso de pós-graduação em Sexualidade Humana, de modo que eu pudesse orientar esses jovens.

Desenvolvo na igreja um curso preparatório para casamentos e observo a falta de liberdade que estes jovens apresentam com relação a sua sexualidade e sua futura vida sexual. Além deste trabalho com casais, atuo como pastor-conselheiro, dando assistência aos membros da comunidade evangélica da Igreja Presbiteriana Betânia (Niterói – RJ) na área do aconselhamento cristão.

Este pequeno relato das minhas experiências tem como objetivo apresentar o meu comprometimento com o trabalho de orientação em pequenos grupos, por acreditar que é através deles que poderemos compreender os pequenos nada que formam o todo mais amplo na vida das pessoas.

A proposta é ir além do individual em busca do coletivo, que permitiu estabelecer a ligação íntima entre a proximidade e a solidariedade (MAFFESOLI, 1987), e compreender a harmonia conflitual dos pequenos grupos que compõem a dinâmica do cuidar na Igreja Presbiteriana Betânia de Niterói.

A pesquisa teve como objetivo geral investigar o processo de cuidar dos membros que cuidam e dos que são cuidados na Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil, no bairro de São Francisco, na cidade de Niterói, nos pequenos grupos. Como objetivos específicos os abaixo assinalados:

- descrever o processo da prática cuidadora dos pequenos grupos nessa Igreja.
- buscar compreender o processo, no plano da subjetividade, relativo a participação ativa das pessoas no pequeno grupo.
- descrever, no cotidiano das práticas cuidadoras dos pequenos grupos, como as pessoas cuidadas se sentem, em relação às suas aflições, temores, necessidades e aspirações.

Preocupado com o processo de cuidar e de ser cuidado através de pequenos grupos, o problema que norteou a investigação foi: **Como se dá o processo de cuidar no pequeno grupo na Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil?**

A partir daí, levantaram-se as seguintes questões:

1. Como se sentem e agem os cuidadores?
2. Como as pessoas que participam de pequenos grupos (cuidadas) percebem o trabalho (no pequeno grupo) aí realizado?
3. O trabalho de cuidar representa uma prática educativa?

Investigar o trabalho de cuidar desempenhado em pequenos grupos na Igreja Presbiteriana foi de grande relevância em função do que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, Artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Isto significa que não cabe apenas às instituições formais o dever de educar, mas também às demais instituições sociais, e a Igreja Prebisteriana Betânia é uma delas. Neste sentido, esta pesquisa se tornou importante, uma vez que pretendeu focar em um espaço não-formal de educação, o cuidar do homem.

Partindo do pressuposto, como afirma Garcia (1977, p.1), que a palavra educação tem suas origens nos verbos latinos *educãre* (alimentar, amamentar, criar), como sentido de algo que se dá a alguém, e *educêre*, que expressa a idéia de conduzir para fora, fazer sair, tirar de, significando, nesta última origem, uma educação que representa um ato de desenvolver, de dentro para fora, algo que está no individuo.

Embora, como lembra o autor (1977), os termos apresentem contradições, na medida em que abrigam, sob uma mesma raiz, sentidos diversos, no trabalho do cuidar o sentido educativo está voltado tanto para a perspectiva do *educêre*, como do *educãre*.

O cuidar tem, portanto, uma missão educativa, baseada na idéia de Jaeger (2003, p.5) que a prática educativa é o princípio pelo qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual, uma vez que só o homem consegue conservar e propagar a sua forma de existência social, espiritual, por meio das forças pelas quais a criou, por meio da razão.

Ainda segundo Jaeger (2003), o espírito humano conduz à descoberta de si próprio, e cria formas melhores de existência humana. O homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular, e exige organizações físicas e espirituais ao conjunto das quais damos o nome de educação.

A educação não é uma propriedade individual, mas pertence, por essência, à comunidade. O caráter da comunidade imprime-se em cada um dos seus membros, e é o homem fonte de toda ação e de todo comportamento.

Este trabalho inovador no âmbito da instituição religiosa, buscou compreender as angústias e frustrações de quem cuida e de quem é cuidado, em função da impossibilidade de educar/cuidar de modo sistemático, dado o significativo número de pessoas, a diversidade de problemas e o tempo exíguo, acarretando a desistência daqueles que são cuidados.

Pode-se afirmar que há, por parte da instituição, um comprometimento no processo de cuidar, mas que ainda não é suficiente em função da desproporcionalidade existente entre o número de pessoas a serem atendidas e as equipes de aconselhamento, sendo impossível tratar, individualmente, as questões dos membros da comunidade.

Já nos grupos menores há uma prática de cuidado que tem um caráter educativo em relação a uma ética cristã e, também, um cuidado de compartilhar as dores e sofrimentos das pessoas. Por isso, se faz necessário uma educação continuada das equipes de educadores/cuidadores, preparando-as para uma prática de cuidado a médio e longo prazo, no qual estes teriam como responsabilidade educar/cuidar e acompanhar pequenos grupos.

O trabalho educativo em instituição não-formal carece de estudos e pesquisas capazes de fornecer indicadores para a melhoria do processo no que tange à humanização.

No que se refere a esta pesquisa, a problemática esteve diretamente relacionada à gestão do trabalho educativo, tendo em vista o significativo número de pessoas que busca orientar/cuidar.

A idéia dos gestores dessa instituição é de que é possível educar e cuidar no grande grupo, mas isso é uma idéia errônea, uma vez que impede a realização de diagnóstico, a orientação, o acompanhamento e a avaliação do processo de cuidar.

Foi possível observar que a Igreja Presbiteriana Betânia, logra êxito com relação à missão estabelecida de cuidar em pequenos grupos, desenvolvendo, assim, um trabalho eminentemente educativo.

A pesquisa elaborada adotou a **abordagem** de cunho qualitativo (preocupação com *o como*); quanto aos seus **objetivos** é exploratória, e quanto aos **procedimentos** trata-se de um estudo de caso.

A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma. Essa pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação. É recomendável o estudo exploratório quando há poucos conhecimentos sobre o problema a ser estudado.

O estudo de caso é uma pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade, para examinar aspectos variados de sua vida. Focaliza um único evento ou situação. Suas características são: interpretação contextualizada, variedade de fontes e confrontação dos vários pontos de vista.

A temática pesquisada e o envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo acarretou uma pesquisa, também, participante, que se caracteriza por um processo de conhecer e agir, permitindo que os sujeitos envolvidos ampliassem seus entendimentos e conhecimentos da situação, chegando a mudanças em benefício do grupo estudado.

Na pesquisa realizada foi possível ir além das orientações metodológicas da pesquisa tradicional, uma vez que outros processos hermenêuticos, através da comunicação interpessoal levaram ao desenrolar de um processo coletivo, a uma experiência educativa, que permitiram analisar os problemas e as situações vividas por todos e por cada um nos diferentes grupos.

Na busca da compreensão do modo de cuidar, foi necessária uma fase exploratória, que consistiu na escolha e definição dos sujeitos envolvidos.

Escolhido o grupo, visando apreender a cultura latente, isto é, o nível afetivo do grupo, seu instituinte, regido por suas vivências, influenciado pelos afetos e fantasias, a opção foi solicitar a elaboração de narrativas a três moderadores líderes, e desenhos e depoimentos a sete membros cuidados de pequenos grupos.

Para tanto, usamos as histórias narradas tendo como modo como se viam, se sentiam e agiam. Com isso, construímos as narrativas, sem interferir no discurso de cada um.

As narrativas, embora claras e objetivas, nos mostraram sentimentos mais profundos, mas para apreender as representações que tem do trabalho em grupo, solicitamos desenhos sobre o modo como percebem, aqueles que são cuidados, o processo de cuidar no pequeno grupo.

Para análise das narrativas utilizamos, com base na análise de conteúdo de Bardin, as palavras forças, e no caso dos desenhos, as cores e figuras desenho.

Para o tratamento dos dados, a técnica da análise temática ou categorial foi utilizada, e de acordo com Bardin (2002), baseia-se em operações de

desmembramento do texto em unidades, ou seja, descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação.

Assim, tem-se o período mais duradouro: a etapa da codificação, na qual são feitos recortes em *unidades de contexto* e de *registro*; e a fase da categorização, na qual os requisitos para uma boa categoria são a exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade e produtividade.

De acordo com Bardin (2002), unidade de registro (UR), apesar de dimensão variável, é o menor recorte de ordem semântica que se liberta do texto, podendo ser uma palavra-chave, um tema, objetos, personagens, etc. Já unidade de contexto (UC), em síntese, deve fazer compreender a unidade de registro, tal qual a frase para a palavra.

Assim, dentro do discurso dos cuidados e dos cuidadores, foram observadas as seguintes categorias: sentimentos, emoções, lamentos, mudanças, com observação para a categoria de maior destaque de frequência de narrativas, as palavras-chave, que denominamos de palavras-força.

Para análise dos desenhos utilizamos as orientações de Bruno Duborgel, Gilbert Durand e Chevalier & Gheerbrant, no que se refere ao simbolismo das imagens.

Segundo Durand (1993), o símbolo só é válido por ele mesmo, e a imagem simbólica é a transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato.

Neste caso, o símbolo é uma representação que faz aparecer um sentido secreto, composto de um significante e de um significado.

As figuras desenhadas, as cores usadas foram, portanto, analisadas à luz desse simbolismo que nos fala Durand (1993) e Duborgel (1992).

Para apreensão da cultura patente, que representa o instituído, o estabelecido, as normas, as leis, os regulamentos, o nível racional do funcionamento do grupo, foi realizado um levantamento do modo como a instituição estabelece a gestão do seu trabalho, como está organizada no que se refere à dinâmica dos pequenos grupos; e para cultura latente o modo como as pessoas, pertencentes aos pequenos grupos, percebem, sentem e agem durante a realização dos trabalhos nos pequenos grupos.

O trabalho encontra-se assim organizado:

- no item 2, à título de situar o trabalho dos pequenos grupos, consideramos importante definir e relacionar organizações, instituições e grupos, uma vez que o trabalho de cuidar se dá numa instituição religiosa.
- no item 3, apresentamos o trabalho de cuidar educativo no âmbito da subjetividade, com ênfase nas idéias de Boff, Winnicott, Nietzsche, Foucault, Waldow, Barrenechea, Feitosa, Delors, Morin, Brandão entre outros, cujo objetivo foi discutir e ampliar o trabalho de cuidar, do ponto de vista epistemológico.
- no item 4, tratamos dos pequenos grupos na Igreja Presbiteriana Betânia, descrevendo um breve histórico da Igreja, a dinâmica e organização do trabalho em pequenos grupos, seu valor, importância e o modo como está estruturado.
- no item 5, apresentamos a pesquisa de campo, descrevendo e analisando como se dá o processo de cuidar e de ser cuidado, através das narrativas, depoimentos e desenhos.

Podemos afirmar, como uma rápida conclusão, que o trabalho de cuidar no pequeno grupo proporciona àqueles que são cuidados uma melhoria na qualidade de vida, na medida em que podem expor suas aflições, angústias e sofrimentos, diferentemente do trabalho com grandes grupos que não dá conta do cuidar de si e do outro.

No rol das palavras-força, daqueles que cuidam e são cuidados, surgiram expressões como: amizade, confiança, liberdade, ajuda, felicidade, fé, amor, solidariedade, carinho, acolhida, cuidado, curar, libertar, transformar, acolher, apoiar, orientar, amparar, alegria, compartilhar, aceitação, união, revigorar, compromisso, proteção, segurança, crescer, amadurecer, força, mudança, paz, esperança e encorajar, dentre outras.

Essas palavras expressam a importância do cuidar nos pequenos grupos, o que para nós significa o valor e a importância, para a Igreja Presbiteriana Betânia, São Francisco, Niterói, de manter e incentivar a prática do cuidar.

## 2 ORGANIZAÇÃO, INSTITUIÇÃO E GRUPOS

Esse capítulo tem como objetivo conceituar organização, instituição, e grupos, em função do objeto de estudo dessa pesquisa que é a instituição Igreja Presbiteriana Betânia em São Francisco, Niterói. Tem como objetivo maior no item cinco compreender o processo do cuidado educativo, enfatizando o pilar da educação, **aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros**, descrito por Delors em sua obra: Educação: um tesouro a descobrir, como um dos quatro pilares mais importantes para educação do século XXI.

Desse modo, para que pudéssemos situar a instituição em questão, descrevendo a sua organização e funcionamento, consideramos importante uma revisão bibliográfica do que é organização, instituição e grupo.

Lapassade (1977) se refere às organizações, às instituições, e aos grupos, como sendo três níveis sociais numa relação de interdependência.

Em primeiro lugar ou nível cita o grupo como base na vida cotidiana, lugar possível de observação e intervenção. Nesse nível já está presente também a instituição, dado que as normas, o sistema de controle, as regras e os papéis se encontram postos. Para esse autor (idem), a análise do grupo está relacionada com a análise do campo social e sua avaliação depende da análise institucional.

Nesse caso, todo o sistema institucional já está posto por meio da disposição material dos lugares, dos instrumentos de trabalho, horário, programas e nos sistemas de autoridade.

No segundo nível encontra-se a organização, na qual o sistema aparece em sua totalidade. É o nível da organização burocrática.

No terceiro nível está a instituição como tudo que está estabelecido, instituído. É o nível do Estado que dá às instituições forças de lei. No caso dessa pesquisa, a Igreja Presbiteriana Betânia se enquadra como uma instituição.

Para Thomaz (1997), Lapassade afirma que na estrutura se encontra apenas o aspecto institucionalizado da instituição, que são: a lei, o código, a regra escrita, por exemplo. Além disso, existem as coisas não visíveis, as quais denominamos de instituídas.

Ainda segundo Thomaz (idem), Lapassade entende a instituição com uma abrangência que envolve o Estado, o grupo e as pessoas, e juntamente com as pessoas, as normas, as ideologias, ritos, mitos e os valores, o que está instituído e o que está instituinte, o patente e o latente.

Para aprofundamento dos três níveis importa dedicar um estudo mais detalhado, o que será feito a seguir, uma vez que esse trabalho buscou apreender tanto o lado instituído, quanto o instituinte.

## 2.1 ORGANIZAÇÃO

Lapassade (idem) define organização em dois aspectos: o ato organizador que se exerce nas instituições e as realidades sociais como, por exemplo, uma fábrica, um banco, um sindicato. Ele apresenta o conceito de organização social como sendo uma coletividade instituída, organizada e com objetivos estabelecidos, tais como a produção, a distribuição de bens, a formação de homens.

Por outro lado, para Schein (1982), o conceito básico de organização pode ser definido como o esforço coordenado a serviço da ajuda mútua. Uma organização planejada das atividades de um grupo de pessoas, para alcançar um objetivo comum, pela divisão de trabalho e função e através de uma hierarquia de autoridade e responsabilidade. O que importa aqui são as atividades e não as pessoas.

A organização, nesse caso, seria com o conjunto de funções e um esquema que a estrutura em funções permite, independente das pessoas. Dessa forma, uma organização sofrerá alteração quando seu próprio organograma mudar. Ainda de acordo com Schein (idem), existem na sociedade outros tipos de organização social, tais como a família, os clubes, as quadrilhas de delinquentes e as comunidades.

Schein (idem) propõe uma redefinição do conceito de organização, ressaltando que deve ser sempre pensada como um sistema aberto que está em constante interação com todos seus ambientes. Deve ser compreendida como um sistema com múltiplas funções, que envolvem diversas interações entre a organização e seus diferentes ambientes.

A organização é pensada como constituída de muitos subsistemas que estão em dinâmica interação uns com os outros. Importa definir esse conceito de organização como tendo imensas vinculações entre a organização e seus ambientes, favorecendo uma realidade de processo de importação, transformação e exportação, em lugar de tamanho, forma, função ou estrutura.

Segundo este autor (*idem*), a organização oferece o sistema de cultura e valores que irá influenciar o modo de pensar e de apreender o mundo de seus participantes. A organização fortalece uma estrutura numa determinada cultura, definindo atribuições de postos e expectativas de papéis a cumprir, com condutas mais ou menos estabilizadas e suas respectivas ações, que colaboram para a edificação de uma obra coletiva.

## 2.2 A INSTITUIÇÃO

De acordo com Littré (*apud* ENRIQUÉZ, 1997), a instituição é o que inicia, o que estabelece, o que forma, no sentido de que apresenta a origem, a gênese, o problema da manutenção, estabilidade e formação. A instituição tem como objetivo estabelecer um modo de regulamentação, dar estabilidade a um estado, cuidar de sua permanência e sua transmissão.

A instituição regula as relações sociais de maneira que elas fiquem estáveis frente às relações de amor e de ódio, de aliança e de competição, de trabalho e jogos. Enriquéz (1997) comenta que a instituição tem por finalidade mascarar os conflitos e as violências possíveis. Ao mascarar entende-se no lugar dos conflitos promover solidariedade.

Ao comentar algumas características importantes sobre a instituição, Enriquéz (1997) explica que a instituição se funda em saber que representa a lei. A coesão da instituição é dada pelo saber teorizado e dogmático. Questionar o saber, a lei, que fundamenta a instituição, é colocar sua existência em questão. No entendimento dele, a lei deve ser exteriorizada nas ações e nas regras de convívio da instituição. Deve penetrar no mais profundo dos integrantes da instituição. A obediência deve ser resultado de uma interiorização, de um ideal, e não de uma pressão externa. Enriquéz (*idem*) destaca a importância de uma pessoa a partir da qual a instituição é originada;

essa pessoa pode ser Deus, o pai de família ou o líder militar. Na visão dele, a instituição coloca em questão o problema da paternidade.

As instituições tem como objetivo reproduzir os mesmos homens e os mesmos comportamentos. Elas são essencialmente “educativas” ou “formativas”, possuidoras de um poder totalitário que camufla a violência.

Enriquez (idem) entende que quanto mais uma instituição se dá conta de suas contradições internas, mais ela é capaz de ser flexível, favorecendo, no seu interior, o movimento instituinte em detrimento do instituído, das leis e das normas estabelecidas. Isso significa entender a instituição como uma cristalização de uma realidade instituinte social, histórica, dinâmica, processual, produto de sua história.

No universo institucional os problemas de ordem, das leis, da proibição, do amor e da agressividade, convivem juntos. Não há como separar o instituído do instituinte, a lei e a vida.

No que se refere ao imaginário da instituição, Castoriadis (1991) ressalta a sua existência no domínio do simbólico. Segundo ele, o simbolismo não pode ser entendido como algo neutro, nem como totalmente adequado, uma vez que o indivíduo se depara com uma linguagem já constituída, com um sentido historicamente determinado. Ao construir sua ordem simbólica, a sociedade o faz levando em consideração o seu entorno sócio-cultural, historicamente formado, o que significa que o simbolismo é edificado sobre símbolos precedentes, utilizando seus materiais e significados. A constituição do simbolismo na vida social e histórica possuía um caráter de abertura.

Castoriadis (1991, p.152) acrescenta ainda que:

Nem livremente escolhido, nem imposto à sociedade considerada, nem simples instrumento neutro e transparente, nem opacidade impenetrável e adversidade irreduzível, nem senhor da sociedade, nem escravo flexível da funcionalidade, nem meio de participação direta e completa em uma ordem racional, o simbolismo determina aspectos da vida da sociedade (e não somente os que eram impostos determinar), estando ao mesmo tempo cheio de interstícios e de graus de liberdade.

Não se pode afirmar, no dizer deste autor (idem), algo que aponte para o domínio absoluto de um simbolismo automatizado das instituições sobre a vida social, nem tampouco que o próprio simbolismo institucional impediu o uso crescente pela sociedade de seu simbolismo. Ele assinala um aspecto importante do simbólico que é o

seu componente imaginário, ao definir o imaginário como algo que é inventado, como por exemplo: uma história que é imaginada ou uma re-significação de símbolos normalmente conhecidos em suas significações, e, ainda, como sendo a capacidade de se evocar uma imagem.

A busca pelo simbolismo institucional e mais especificamente as representações que os cuidadores e os cuidados tem da instituição, a partir do trabalho em pequenos grupos e que nos levou a apreender o instituinte, apresentam-se nas narrativas e desenhos, no capítulo dedicado ao estudo de campo.

Antes que possamos adentrar o imaginário das pessoas que fazem parte dos grupos, importa rever alguns conceitos que permeiam a teoria sobre grupos.

### 2.3 OS GRUPOS

Esse é o ponto chave do trabalho, é sobre ele que nos debruçamos, no intuito de perceber a sua importância dentro da missão institucional que se dispõe a trabalhar com os grupos.

No encadeamento das idéias importa ressaltar a relação de interdependência dos grupos com as organizações e com a instituição. Para tanto, a definição do grupo no âmbito das instituições é fundamental.

Bleger (1991, p.43) define os grupos como:

Um grupo é um conjunto de pessoas que entram em uma relação entre si, mas, além disso, e fundamentalmente, um grupo é uma sociabilidade estabelecida sobre um fundo de indiferenciação ou de sincretismo, no qual os indivíduos enquanto tais não tem existência, e entre os quais opera uma transitividade permanente. O grupo terapêutico também se caracteriza por essas qualidades. Acrescentamos que um dos membros do grupo (o terapeuta) intervém com um papel especializado e pré-determinado, mas que esse papel (essa função) se realiza sobre uma base na qual o terapeuta é incluído no mesmo fundo de sincretismo que o grupo.

Numa outra perspectiva sobre grupos, Schein (1982, p.114) conceitua como: “um conjunto de pessoas que interagem umas com as outras, são psicologicamente conscientes umas das outras e percebem-se como um grupo”. Seu tamanho é necessariamente limitado pela possibilidade de mútua interação e mútua percepção consciente.

Bleger (idem) descreve a identidade grupal a partir de dois níveis: o primeiro é aquele onde a identidade é construída por uma tarefa desenvolvida em comum e que estabelece regras de interação e de comportamento que o grupo vai institucionalizar, e o que caracteriza essa identidade é a tendência a integração e a interação das pessoas do grupo.

O segundo nível se dá pelo que se pode chamar de identidade grupal sincrética. A identidade grupal sincrética não se caracteriza pela integração e interação de regras de nível evoluído, e sim sobre uma socialização onde as pessoas do grupo não têm identidades diferenciadas. Quanto maior for a identidade por integração, menor será a filiação sincrética dos grupos.

Ao falar sobre instituição, Bleger (idem) está se referindo ao conjunto de normas, regras e atividades agrupadas ao redor de valores e funções sociais, e quanto ao aspecto da disposição hierárquica das funções em relação ao interior de um edifício ou de uma área ou espaço delimitado, ele falaria de organização.

Bleger (idem) entende o grupo como uma instituição ou conjunto de instituições que tem a tendência de se estabelecer como uma organização com suas regras fixas e próprias.

Schein (idem) destaca a necessidade de associação, de se fazer relações de amizade, suporte e amor e de grupos de trabalho. É no contexto do grupo que se desenvolve o sentimento de identidade e a manutenção da auto-estima do indivíduo. Os grupos ajudam a reduzir a insegurança, a ansiedade e o sentimento de impotência. O sentimento de pertencer, o apoio e suporte mútuo colaboram para a constatação de um sentimento de segurança e confiança.

Essa afirmativa de Schein se aproxima desse trabalho no que se refere ao cuidado no grupo: os sentimentos, as emoções, o acolhimento etc., que aprofundaremos durante a análise das heurísticas utilizadas no item cinco.

Enriquez (1997) também ressalta características importantes da vida relacional do grupo. Para este autor, a essência do grupo é a comunidade. E por comunidade deve-se compreender uma associação voluntária de pessoas que compartilham o seu trabalho, a realização de múltiplos projetos e o convívio íntimo.

A realidade da comunidade é presente quando permite aos membros do grupo estarem unidos e serem diferentes, expor seus acordos e seus desacordos livremente.

Para Enriquéz (1997, p.103) a comunidade é:

[...] esse momento em que as contradições não geram sofrimento, onde as tensões são o pedestal onde se erguem os novos corações, onde lógica e afetividade não são mais antagônicas (onde o lógico não é mais obstaculizante e nem a afetividade perigosa), em que cada qual pode ser ao mesmo tempo totalmente ele mesmo e totalmente social.

Por conta dessas contradições e da liberdade de se poder expressar os sentimentos, as organizações sempre terão uma atitude ambígua em relação aos grupos. Pretendem que os grupos sejam fortes, tenham uma identidade e autonomia, mas receiam que essa autonomia coloque em risco a estabilidade da organização.

Uma outra situação que torna o grupo uma realidade instável e ameaçadora para as organizações é o fato de que no grupo, de acordo com as palavras de Anzieu (1993), no momento em que as pessoas se reúnem para desenvolverem seus trabalhos, para o seu lazer, enfim, para o seu convívio social visando a transformação do mundo, são tomadas por sentimentos, medos e angústias que as motivam ou paralisam enquanto grupo. As emoções em suas diversas manifestações geram tensão, coesão, apatia e vida dentro dos grupos.

Pagés (1982), ao descrever a vida afetiva dos grupos, destaca o caráter imediato da experiência do afeto na relação com outra pessoa pelo sentimento. Define que a experiência afetiva partilhada no grupo sofre influência das manifestações possessivas ou destrutivas da instituição, e que essas vivências relacionais permanecem geralmente inconscientes, podendo se apresentar de maneira defensiva ou reativa na dinâmica relacional dos grupos.

O autor (idem), explica que a relação no contexto do grupo experimenta também um profundo sentimento de solidariedade e de angústia, pela possibilidade de separação. O grupo, segundo ele (idem), é sustentado por forte laço, baseado num sentimento inconsciente de solidariedade com todos e também por uma possibilidade de separação. Na verdade, o grupo sofre influência da organização da instituição, que permanece inconsciente na trama relacional afetiva dos grupos.

Pagés (idem) comenta que a estrutura e o comportamento do grupo são provisórios e que o grupo é uma realidade aberta, privilegiando as diferenças dos membros, destacando que o grupo é orientado para mudança e para transformação.

Brandão (2009) disserta sobre a informação do processo educativo e destaca a atmosfera livre e sempre relacional da construção e reconstrução de valores sempre conectados com a vida do grupo.

O próprio grupo, informalmente, sempre tem a preocupação com a sua sobrevivência e com o crescimento de sua comunidade, e apresenta interesse em construir formas de saberes que possibilitem o cuidado mútuo. Os membros do grupo informal são preparados para a vida em comunidade. Esse dizer de Brandão pode ser observado nas narrativas e desenhos dos sujeitos da pesquisa, efetuada no item 5.

Ao considerarmos o trabalho da instituição como sendo de cunho educativo, encontramos em Brandão (2009) a observância de que a educação, enquanto cuidado, deve ser uma maneira de tornar comum tudo que é construído como modo de cuidar, e que isso deve ser compartilhado com a comunidade como vida.

No próximo capítulo analisaremos o trabalho desenvolvido em pequenos grupos na Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil.

## **3 O CUIDADO**

### **3.1 DEFININDO O CUIDADO**

A questão do cuidado tem sido parte da experiência de inúmeros profissionais de diferentes campos do conhecimento e em diversas práticas profissionais. Poderíamos dizer, no nosso caso, que há inúmeros pensadores que nos serviriam como referência para refletir conceitualmente o tema de nossa dissertação. Fizemos a leitura de alguns autores e nossa escolha incidiu sobre Boff, Mayeroff, Nietzsche, Winnicott, Foucault, Delors e Morin. Dentre eles encontramos perspectivas cristãs, tais como as de Leonardo Boff, e de críticos do pensamento cristão, tais como Friedrich Nietzsche e Michel Foucault. Nossa compreensão voltou-se para o pensamento desses autores considerando que eles não estão em contradição com o conceito do cuidado e da comunhão dos pequenos grupos. Todos esses autores apresentam uma afinidade quanto ao conceito do cuidado. Para eles, o cuidado é um processo e esse percurso não é feito sozinho. O ato de cuidar-se, para esses autores, acontece dentro de uma atmosfera de acolhimento, de uma escuta de si e solidária do outro. É uma decisão de não aceitação da experiência do sofrimento como algo definitivo. O cuidado para estes autores se processa de maneira singular. Cada pessoa constrói o seu cuidar de maneira própria que diz respeito somente a sua maneira de existir na relação com o outro; para nós esse outro é o pequeno grupo. Ao longo do texto essas afinidades serão discutidas com maiores detalhes.

#### **3.1.1 Leonardo Boff**

O conceito de cuidado tem sido uma das temáticas mais importantes no pensamento de Leonardo Boff. Com formação em Teologia e Filosofia no Brasil e na Alemanha, é professor de Teologia Sistemática no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis. Junto com outros formulou a Teologia da Libertação e foi professor de Ética e Filosofia da Religião na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Segundo Boff

(2008), a essência do ser humano não está na sua inteligência ou liberdade ou criatividade, mas sim no cuidado.

No estudo do cuidar, importa resgatar o pensamento de Leonardo Boff ao considerar a prática do cuidado como uma ética, já que para o autor o cuidado é condição inerente à vida.

Boff (idem) entende o cuidado na essência do homem. Ele se utiliza da fábula-mito do cuidado (a fábula de Higino), de origem latina com base grega, para expressar esse entendimento. A fábula-mito diz:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome a criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surge, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome a criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa.

- Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta, este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

- Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

- Mas, como você, Cuidado, foi que, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E, uma vez, que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feito de húmus, que significa terra fértil.

Para Boff (idem), portanto, o cuidado possui duas significações relacionadas. A primeira tem a ver com uma atitude de desvelo, de solicitude e de atenção com relação à outra pessoa. A segunda atitude seria a de preocupação e de inquietação, já que quem cuida se sente afetivamente envolvido com a pessoa cuidada.

Nos pequenos grupos, essa é uma preocupação constante: a construção de um vínculo afetivo sem o qual não há possibilidade de confiança e amizade. Outro aspecto importante da atitude de desvelo e de solicitude para com a pessoa cuidada é a responsabilidade e o compromisso do moderador líder e de seu auxiliar no acompanhamento sistemático da pessoa que está sendo cuidada no grupo, ou seja, o

moderador líder juntamente com seu auxiliar são responsáveis para que cada membro do grupo receba um cuidador que oferecerá toda ajuda necessária.

Boff lembra que sem o cuidado, o amor não ocorre de verdade, não se conserva, não se expande e não propicia a possibilidade de encontro entre as pessoas.

Na instituição objeto dessa pesquisa, os cuidadores são afetados pela condição de desamparo dos aflitos. A impossibilidade de responder ao desamparo com o cuidado, coloca o cuidador em igual situação de desamparo. Ao exercer a condição de cuidar, o cuidador também é cuidado, e quando isso acontece no grupo, o cuidado se intensifica.

O poeta latino Horácio (apud BOFF, idem p.92) observa: “o cuidado é o permanente companheiro do ser humano”.

Neste sentido, Boff (idem) acrescenta que o cuidado está sempre presente na vida do ser humano, porque o homem nunca deixará de amar e de se importar com alguém, nem deixará de se preocupar e de se inquietar pela pessoa amada. Lidar com as pessoas é considerar seus sentimentos, é interagir dentro de um princípio de mutualidade, de reciprocidade. Nesse sentido, é muito difícil o moderador líder não desenvolver uma relação de amor e cuidado com os membros do grupo.

Os moderadores líderes desenvolvem sua capacidade de construir vínculos afetivos, em razão de sua prática cuidadora, aumentando gradativamente sua capacidade de amar: percebem mudanças em seus relacionamentos, sua capacidade de entrega e confiança em outros relacionamentos; tornam-se mais tolerantes, melhoram sua capacidade de escutarem empaticamente.

Diante dos problemas ficam mais calmos, procuram ajuda e não sentem vergonha de admitir seus erros, expressam seus sentimentos sem receio de serem rejeitados, se tornam mais carinhosos e se preocupam em saber como o outro está se sentindo, são mais solícitos para ajudar, melhoram sua capacidade de se comunicar, ficam mais sensíveis ao outro.

No processo de cuidar no pequeno grupo, o moderador supervisor, que é o cuidador do moderador líder na estrutura do pequeno grupo, relata que ao cuidar do moderador líder, cada pessoa que ele cuida lhe proporciona uma experiência diferente, cada membro do grupo tem uma história de sofrimento muito particular.

Alguns acabaram de se separar em seu casamento, outro perdeu um membro de sua família, outro tem problemas de relacionamento com o filho ou filha, outro ficou desempregado, outro passa por uma experiência de ter um membro de sua família com uma grave doença, como por exemplo, câncer.

Essas experiências o obrigam a olhar para dentro de si. Esse olhar o desafia a trabalhar questões que geram tensão e crescimento. Muitos falam que cuidar do outro é também cuidar de si, e que o vivenciar o cuidado é uma experiência comunitária. É uma relação de comunhão no sentido de compartilhamento, de companheirismo manifesto em atos.

O autor (idem, p.102) ressalta a importância de se colocar o cuidado em tudo, ao afirmar:

(...) urge desenvolver a dimensão ânima que está em nós. Isto significa: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas. Dar centralidade ao cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos desconectados da subjetividade humana.

Mayeroff (apud WALDOW, 2005) pensa o cuidado como uma ação que ajuda alguém a crescer e a se realizar. Ele entende o cuidar como um processo, um modo de se relacionar com alguém, que envolve desenvolvimento e confiança mútua, ocasionando uma importante transformação no relacionamento.

É no contexto da amizade que as boas relações que se constituem nos pequenos grupos alimentam confiança mútua, a entrega, o acolhimento, o compromisso.

O relacionamento, inicialmente formal, vai se transformando numa realidade de uma amizade solidária e cuidadora e que permite à pessoa cuidada se desenvolver num processo único, pessoal e singular.

Para Mayeroff (apud WALDOW, 2005, p.22) ajudar o outro é:

(...) no mínimo, ajudá-lo a cuidar de algo ou de alguém. Também vir o ser capaz de ajudar a si mesmo e satisfazer suas próprias necessidades, tornando-se responsável por sua própria vida. O crescimento é no sentido de se tornar mais auto-determinado, de escolher seus próprios valores e ideais de acordo com sua experiência. Outro significado é o de ser honesto consigo mesmo e mais consciente da ordem social e natural da qual faz parte.

Em seguida trabalharemos com Winnicott, psicanalista com pensamento singular centrado no crescimento infantil e especialmente nas relações entre as mães e seus filhos.

### 3.1.2 Donald Winnicott

Donald Winnicott também se detém no tema do cuidado. De acordo com Roudinesco (1998), Winnicott foi o fundador da psicanálise de crianças. Na Grã-Bretanha dedicou especial atenção ao estudo da dependência física e biológica da criança com relação a sua mãe.

Winnicott (2005a), em seus trabalhos voltados para as relações da mãe com a criança e com os cuidados que daí advém, marcou sua contribuição ao pensamento analítico e à psiquiatria dinâmica, especialmente nas décadas de 50 e 60, com seus escritos sobre o desenvolvimento da criança e dos cuidados maternos, compreendendo que o amor maternal implica em um processo de cuidado.

A mãe age de acordo com uma ética do cuidado, como uma relação primordial e fundamental para o viver da criança. O cuidado materno e corporal acontece no ato de amamentar, no cuidado higiênico do filho e na expressão de amor da mãe ao abraçar seu filho.

O cuidado que a mãe dispensa ao bebê começa gradualmente desde o início da gestação, com o feto desenvolvendo-se em sua barriga, o que é definido como *preocupação materna primária*.

Ao refletir sobre a identificação do bebê em relação à mãe, Winnicott (idem) comenta que este processo se dá no instante do nascimento da criança. Ele pressupõe que todo o processo que será relatado sobre o cuidado do bebê tem como fundamento naquilo que chama de uma *mãe suficientemente boa*.

*Mãe suficientemente boa* para o autor é aquela que foi amada e cuidada por sua mãe, que se desenvolveu em um grupo familiar que lhe dispensou o apoio necessário ao seu desenvolvimento biológico, psíquico e social. A noção winnicotiana diz respeito à mãe que, na relação com seu bebê, vai pouco a pouco tateando, entendendo e

atendendo suas necessidades, na medida do possível. Nem sempre a mãe percebe o que a criança precisa. Para Winnicott, os cuidados maternos requerem uma sintonia com o bebê, o que quer dizer que a mãe se desloca de sua posição de adulto para experimentar o que estaria se passando com o bebê. Esta flexibilidade, ou melhor, o movimento de tornar-se temporariamente o seu bebê é o que caracterizaria a *mãe suficientemente boa*. Poder-se-ia dizer que a relação entre a mãe e seu filho envolve a empatia, ou seja, colocar-se no lugar do outro. Ora, nem sempre este movimento é possível, mas é importante que a mãe esteja atenta e, caso não supra o que seu bebê precisa, possa percebê-lo, através de sua sensibilidade. Neste sentido, Winnicott afirma que a relação cuidadosa entre o bebê e sua mãe seria o coração de um desenvolvimento saudável. Caso esse cuidado não aconteça, Winnicott (2005a, p.24) observa a seguinte consequência:

Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação, o self verdadeiro da criança não consegue formar-se ou permanece oculto por trás de um self que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo.

O autor (idem) lembra que se o ego da mãe é forte, o ego da criança se constitui forte. Se o apoio da mãe é fraco, isto é, se a mãe se sente incapacitada para amar o seu bebê, se sente insegura para cuidar ou sente que vai fracassar, então o desenvolvimento da criança poderá ficar dificultado.

Temos recebido no pequeno grupo pessoas que não tiveram a experiência de serem amados por suas famílias. Pessoas que tem uma história de sofrimento, insegurança, bastante evidenciada. Ao escutarmos suas questões identifica-se um sentimento de baixa autoestima e uma impossibilidade para cuidar de si mesmas e de se amar. Em suas queixas é fácil identificar o desamparo e desamor de seus pais. Estão cansadas de viver em uma constante condição de falta de confiança.

Já os filhos que foram cuidados e amados por mães, que por sua vez também foram amadas e cuidadas por suas mães, tem um desenvolvimento saudável de sua personalidade.

Winnicott (idem) afirma também que o cuidado materno transforma-se num cuidado oferecido pelo pai e pela mãe. Na medida em que o bebê vai se desenvolvendo, pode se separar de sua mãe e construir outros vínculos com seu pai e

irmãos. A vivência de ter sido amada, motiva e dá segurança para que a mãe dê continuidade à sua história de cuidado a partir do grupo familiar.

O pequeno grupo tem proporcionado àqueles que chegam, o cuidado materno tão valorizado por Winnicott.

Apesar das pessoas não terem tido cuidado materno necessário, isso não as impede, ao serem acolhidas pelo grupo, de darem um sentido novo para suas vidas. Agora o pequeno grupo faz a função cuidadora materna, proporcionando o amadurecimento emocional e uma independência cada vez mais crescente.

Quanto ao desenvolvimento emocional, Winnicott (idem, p.131 e 132) propõe o seguinte:

(...) no decorrer do desenvolvimento emocional o indivíduo transita da dependência para a independência; e o indivíduo sadio conserva a capacidade de transitar livremente de um estado a outro. Esse processo não é de fácil aquisição. Torna-se mais complexo pelas alternativas de rebeldia e dependência, na rebeldia o indivíduo rompe o círculo imediato que o envolve e dá segurança, mas as duas coisas são necessárias para que esse rompimento seja vantajoso. O indivíduo precisa inserir-se num círculo mais amplo que esteja pronto a aceitá-lo, o que equivale a dizer que ele tem necessidade de retornar à situação rompida.

Esse processo de conflito e de rebeldia da criança só tem uma solução satisfatória quando a família, os pais, são eficientes quanto ao cuidar de suas crianças. No que se refere à importância da família, ele diz o seguinte (2005a, p.133):

Parece-me importante ter em mente que, na medida em que a família permanece intacta, tudo na vida do indivíduo relaciona-se em última instância com seu pai e sua mãe. A criança pode ter-se afastado dos pais na vida e na fantasia consciente, e pode ter tirado proveito disso. Não obstante, o inconsciente sempre mantém o caminho de volta aos pais. Na fantasia inconsciente da criança, toda demanda remete-se fundamentalmente ao pai e a mãe. A criança aos poucos vai exigindo cada vez menos dos pais, mas isso se passa em nível da fantasia consciente. Na realidade, o afastamento só se dá em relação à figura externa dos pais. Esse fato constitui como que um cimento da família, pois as figuras reais da mãe e do pai permanecem vivas na realidade psíquica e interior de cada um de seus membros.

A família para Winnicott, de acordo com Campos (2007), contribui para o amadurecimento emocional do indivíduo por meio da comunicação. Essa comunicação é direta, sem subterfúgios. No *holding* a comunicação e o cuidado com a criança são fundamentais. O sentido do *holding* implica uma disposição prévia de amor. O verbo “*to hold*” significa conter, segurar, sustentar, e se refere basicamente ao ato da mãe

segurar – que traz a idéia do acolhimento e do contato amoroso - o bebê fisicamente. Mas na verdade, esse segurar significa o amor da mãe cuidadora pelo bebê. O amor que se preocupa com o ser do outro. Amor que motiva, que se esforça por compreender e por cuidar.

Essa experiência do *holding* ou o conjunto de cuidados proporcionado à criança pelo ambiente cuidador, contribui para estruturação de um *self* forte, seguro e criativo, que fica registrada como algo a ser revivido em momentos de conflitos.

A experiência do *holding* é exercida pelo pequeno grupo, o conter, o segurar, o sustentar e a disposição para amar e cuidar do outro. Isso não significa que as pessoas, ao chegarem ao pequeno grupo, tenham todos os seus problemas resolvidos. Na verdade, o pequeno grupo é o lugar no qual o membro sabe que encontra o suporte para enfrentar novos desafios em sua vida. Seus problemas são resolvidos, mas surgem outros e sempre irão surgir outros.

De acordo com Campos (*idem*), todo ser humano continuará a ter necessidade de *holding* ou cuidado face à alguma ameaça. Pode-se dizer que a vulnerabilidade leva a pessoa à uma regressão psicológica, tornando-se como um bebê. Nesta situação, a pessoa se percebe novamente precisando da mesma experiência de cuidado e conforto que viveu na sua infância, ou seja, a necessidade de proteção e acolhimento se torna imprescindível.

É necessária a presença de um ambiente facilitador, capaz de oferecer proteção e apoio para que esse indivíduo possa aprender a cuidar de si mesmo.

Para Campos (*idem*, p.71) o alcance da independência se faz:

(...) na vivência de experiências de troca, de compartilhamento, de reciprocidade, em que o outro atua como facilitador (e não inibidor, invasor ou determinador) de nossa singularidade. E ao reconhecer a importância do outro, preocupamo-nos com ele, selando definitivamente a “estratégia” de compartilhamento. Na verdade jamais o ser humano encontra a “absoluta independência” ou estado de desenvolvimento que lhe propicie prescindir do apoio e de proteção de outros.

Esse desejo de ser único, além de contar com a atitude facilitadora do outro ou do pequeno grupo, está relacionado também a uma tarefa que é nossa, a de sermos responsáveis por nossas decisões e de escolhermos que tipo de vida queremos viver.

No próximo item estaremos expondo alguns conceitos relativos ao cuidado de si no pensamento de Friedrich Nietzsche. O conceito educacional de transformação em Nietzsche é fundamental para compreensão do conceito de cuidado, pois fala da relatividade dos valores, da condição mutável da existência humana. Isso significa dizer que o homem não está aprisionado em um modo de viver, que os valores que determinam a maneira de existir são relativos, portanto podem ser mudados, resignificados e que as forças que direcionam essas mudanças residem em seus corpos. Para Nietzsche, como para Winnicott, o corpo tem um papel importante na questão do cuidado.

### 3.2 AUTOCONSTITUIR, O CUIDADO EM SI

Friedrich Nietzsche, nasceu em 1844. Dotado de sólida formação clássica, teve forte influência da filosofia de Schopenhauer. Aos 25 anos foi nomeado professor de Filologia na Universidade de Basileia, aprofundando-se no pensamento grego antigo.

Nietzsche permanece no terreno de uma psicologia, de uma antropologia que afirma como natural a busca universal da felicidade. O pensamento de Nietzsche é uma filosofia para aqueles que se reconhecem como espíritos livres, de acordo com Lefranc (2011).

O cuidado, por meio do pequeno grupo, se aproxima também do aspecto da pedagogia nietzschiana denominado *transformação*.

O conceito de transformação em Nietzsche fala de um processo de autoconstituição da pessoa cuidada. Essa pessoa é autora do seu próprio desenvolvimento, em conexão com os instintos que habitam seu corpo, um corpo integrado ao seu ser, não dicotomizado.

Em 1888, aos 44 anos, Nietzsche, ao fazer uma reflexão sobre a sua vida, escreve *Ecce Homo*, para além de uma autobiografia. Neste livro ele trata, sobretudo, de confissão e interpretação, que constitui uma síntese de sua obra.

Em *Ecce Homo* (2009), nos fala de sua experiência de cuidar de si mesmo. O autor reconhece que em sua totalidade era sadio e fez a opção por cuidar de si. A experiência de adoecer e a impossibilidade da medicina de sua época de lhe

proporcionar ajuda fez com que decidisse viver a vida com mais cuidado, observando uma dieta alimentar que favorecesse sua saúde e procurando lugares para viver onde o clima fosse favorável ao seu bem estar. O adoecer proporcionou uma experiência de auto-conhecimento que o motivava a superar suas limitações, dar valor às pequenas coisas e a saborear boas coisas. O instinto do auto-restabelecimento impediu-o de viver uma filosofia de pobreza e de desânimo

Em Assim Falava Zaratustra (2008), ele escreve sobre a importância do amigo no cuidado de si: o amigo é para o solitário o terceiro; o um é muito próximo de mim, o terceiro é que faz distanciar-me de me perder em uma profundidade sem fim, um dialogar comigo mesmo indefinidamente.

Segundo Nietzsche (2003), o autoconstituir é o cuidado de si, fruto de um embate de forças instintivas, orgânicas, definidas como forças *apolíneas* e *dionisíacas*, que habitam dentro do homem.

Brandão (1991), em sua obra A Mitologia Grega, descreve os mitos de Apolo e Dionísio da seguinte forma na cultura grega: Apolo é o realizador do equilíbrio e da harmonia dos desejos, não tinha intenção de suprimir as pulsões humanas, mas na verdade, orientá-las no sentido de uma espiritualização gradual, mercê do desenvolvimento da consciência. Possui um caráter pacificador e ético e uma proposta conciliadora diante das tensões que sempre existiram entre as *pólis* gregas. Contribuiu para que a velha lei de Talião, isto é, da vingança pessoal, seja substituída pelas leis da justiça dos tribunais. Prega a sabedoria, o meio termo, o equilíbrio, a moderação, o conhece a ti mesmo, o nada em demasia. A inteligência, a ciência, a sabedoria, são considerados modelos divinos de Apolo.

Brandão (1991) ressalta que a sизígia de Apolo e Dionísio, deuses antagônicos, traduzira uma das características básicas de Apolo; a conciliação e a harmonização dos diversos cultos e ritos helênicos. Dionísio jamais constitui ameaça ou concorrência ao culto de Apolo.

O autor apresenta Dionísio como o deus da transformação. É também um deus perseguido. Fruto dos amores de Zeus e Perséfone nasceu Dionísio, chamado mais comumente de Zagreu. Preferido de seu pai, Zeus estava destinado a sucedê-lo no governo do mundo, mas o destino decidiu o contrário.

Hera, esposa de Zeus, com ciúmes, descobriu que o jovem que havia sido escondido por Apolo e pelos Curetes, nas florestas do Parnaso, encarregou os Titãs de raptá-lo e matá-lo. Após matá-lo, fizeram-no em pedaços, cozinham-lhe as carnes num caldeirão e as devoraram.

Sendo um deus, Dionísio não morre, pois que o mesmo renasce do próprio coração. A morte não afeta a imortalidade do filho de Zeus, donde provém a identificação com Osíris, o morto imortal e com o imortal deus da morte, Plutão.

Dionísio é um deus humilde, da vegetação, dos campônios, e com seu êxtase e entusiasmo era uma séria ameaça à *pólis* aristocrática. Como deus da transformação, Dionísio leva seus adeptos, pelo êxtase e pelo entusiasmo, a romper com todos os interditos de ordem política, social e religiosa. Vai de encontro aos postulados da *pólis*, mesmo democrática, e dos deuses olímpicos, que lhes serviam de respaldo.

Após dança vertiginosa os adeptos caíam semidesfalecidos, acreditavam sair de si pelo processo de êxtase, que significava um mergulho em Dionísio pelo entusiasmo, ultrapassando assim a medida de cada um, a medida mortal, comungando com a imortalidade.

O sair de si, constituía também uma superação da condição humana, a descoberta de uma liberação total, a conquista de uma liberdade e uma espontaneidade que os outros homens não podiam experimentar.

Uma divindade tão próxima e integrada no próprio homem, tão libertária e politicamente tão independente, não seria aceita pela *pólis* de homens e deuses tão apolineamente e religiosamente repressivos.

Dionísio simboliza as forças que emergem do inconsciente, liberadas pela embriaguez, pelo fascínio da dança e da música. Retrata também as forças de dissolução da personalidade, a regressão às forças caóticas e primordiais da vida provocadas pela orgia, e ao mergulho do consciente no inconsciente.

Portanto, ao falarmos de cuidado estaremos falando dessas forças apolíneas e dionisíacas, descritas por Sobrinho (apud NIETZSCHE, 2003, p.34) como sendo: "impulsos, um que vem do abismo inexpugnável do inconsciente do corpo e outro que forma as imagens do mundo na consciência, pois eles são primordiais e indestrutíveis".

Barrenechea (apud FEITOSA, 2000) observa que a obra *O Nascimento da Tragédia* é um esforço por parte de Nietzsche de colocar a filosofia ocidental em questão, a partir do pensamento arcaico da filosofia trágica. O que significa esse colocar em questão?

Segundo ele, é importante considerar a compreensão nietzschiana do trágico e restabelecer o liame quebrado com a cultura grega. A compreensão nietzschiana do trágico se define como:

A conjunção de todas as forças, de todos os impulsos estéticos operantes na Grécia. Essa conjunção é simbolizada pela harmonia dos instintos apolíneos e dionisíacos. (...) A conjunção trágica apolíneo-dionisíaca sintetiza o caráter bifronte, dual do mundo. Apolo é considerado o deus da luz, da forma, da clareza, da individuação, da medida, do autocontrole e, também, da adivinhação, da antevisão oracular; simbolizado pelo estado salutar do sonho em que primam as belas imagens, as formosas aparências. Dionísio, por sua vez, é a divindade noturna, disforme, obscura, desmedida e sem controle, sintetizada pelo estado estático de inconsciência, de supressão da individuação e de embriaguez. Ambas as figuras se conjugam no processo do abrir universal, participam do esfacelamento e da configuração do mundo. (...) A tragédia torna-se o cume da exaltação de todas as forças naturais, de todos os impulsos humanos. Não há nada que seja execrável: num mundo trágico, a finitude e a morte também fazem parte da permanente floração vital. (apud FEITOSA, 2000, p. 60).

A despeito desse auge da cultura grega, houve um contra movimento, uma tendência antitrágica que visava, no comentário do autor, expurgar os impulsos noturnos e instintivos do pensar grego.

Colocando de outra forma, surge uma intenção de exorcizar o dionisíaco do mundo heleno. A tendência antitrágica tem nome e foi denominada por Nietzsche como socratismo. Sócrates representa o símbolo do racionalismo, do antivital, que se instala na Grécia. O socratismo exalta a razão acima de todas as coisas. Somente a racionalidade tem a capacidade de eliminar a confusão dos sentidos, o engano das emoções e dos instintos.

Apolo e Dionísio não são merecedores de confiança. Só a razão tem a capacidade para corrigir o ser. Para Barrenechea, ao tentar rejeitar o dionisíaco, pelo seu caráter disforme, exagerado, contraditório, também suprime o apolíneo. Esta tendência racionalista contesta ambos os impulsos estéticos da tragédia.

Apolo, deus da luz, também é uma divindade do mistério, da adivinhação, do que está oculto, do que é não racional e que não pode ser conceitualizado.

A supressão de Dionísio produz a simultânea eliminação do Apolo: “E porque abandonaste Dionísio, por isso Apolo também te abandonou”.

O grupo tem essa função de colocar em questão os valores aparentemente permanentes de sofrimento dos membros que chegam no grupo. Os membros, ao entrarem no grupo, expressam um sentimento de conformação com a realidade existencial a que estão submetidos, como se não tivessem outra opção.

.As forças apolíneas e dionisíacas presentes no pequeno grupo trazem uma esperança, colocam em questão o discurso do sofrimento acabado, permanente, racionalizado, conformado, dando ao membro do pequeno grupo uma nova possibilidade, um sentido sempre renovado de sua existência.

O autor (idem) ressalta ainda que o dionisíaco, o espírito da embriaguez, do exagero, da desmedida, não pode ser totalmente eliminado. Aspectos como a negatividade, a dor e as trevas são partes essenciais do universo. Para esse autor (idem), não se pode eliminar o excesso; a individuação não pode banir o êxtase e a embriaguez coletiva.

Finalmente é preciso reiterar que Apolo não é possível sem Dionísio. E que a transformação da pessoa dentro do amparo do pequeno grupo não será possível sem o resgate das forças apolíneas e dionisíacas que habitam nossos corpos gerando vida.

Rocha (apud FEITOSA, 2006, p.269 e 270) define a concepção antimetafísica ressaltando o seu caráter processual da seguinte forma no pensamento nietzschiano:

Na verdade, não há “sujeito”, o eu está em constante transformação, ele não é nada além de uma sucessão de afetos e impressos, nada sendo uma configuração instável de instintos que predominam em determinado momento. O sujeito é a ficção “de que múltiplos estados similares são em nós o efeito de um mesmo substratum”. Se não existe essência, um sujeito será apenas a soma de atributos e a sucessão de diferentes “acidentes”. Uma vez retiradas as circunstâncias e os acidentes que constituem uma vida, nada resta de permanente que possa ainda ser denominado “eu”. Assim, a fórmula de tornar-se quem se é não pode ser compreendida como o percurso que conduz à atualização de uma essência. Ela não é da ordem de um imperativo ou de um projeto, que deveria guiar a vida como um princípio transcendente, mas é antes a descrição de um processo internamente imanente: a vida é o percurso no qual alguém se torna (vai se tornando, não essa de se tornar) quem é. E inversamente um eu não é a rigor outra coisa senão o efeito sempre mutante, e sempre provisório que resulta da configuração de forças e efeitos. O encontro fortuito com as circunstâncias de uma vida vão instituindo um eu – reinvenção que tem um caráter sempre aberto, provisório, contingente.

A autora (2006) contrapõe o conceito de transformação ao conceito de formação, como sendo a passagem do mais indeterminado ao mais determinado. Ela destaca, ainda, a metáfora nietzschiana do devir: o círculo, que por não ter início ou fim apresenta valor idêntico em cada um dos seus pontos. Um dos objetivos do pequeno grupo é o cuidado por meio da amizade e da liberdade, para que o indivíduo entre em contato com as forças internas de seu organismo, que é considerado numa perspectiva integral. No pequeno grupo cada pessoa é estimulada a identificar seus sentimentos, a lidar com eles a partir de sua perspectiva e não apenas da do grupo. O grupo é o lugar do encontro que favorece possibilidades de sentido diferenciados para as pessoas.

Ali não se determina o que as pessoas devam fazer. Pergunta-se o que elas gostariam de fazer ou de não fazer.

Nem se determina em que devam tornar-se. Não são obrigadas a amar ou a perdoar seus inimigos. Precisam experimentar no grupo o cuidado sincero, o amor desinteressado, o acolhimento amoroso para se permitirem entrar em sintonia com as mudanças e transformações que acontecem em seus corpos.

Na medida que vão se sentindo mais seguras, vão também se conectando com a direção e sentido das forças criativas que tencionam seus corpos para uma vida de um sentido que se renova sempre; que é impermanente, que é irreverente no que diz respeito às normas.

As pessoas, no contexto do pequeno grupo, se tornam autoras de suas vidas, se posicionam e fazem escolhas condicionadas também pelo seu tempo, seu momento histórico. Não são decisões absolutas, são relativas, temporais, que se reformulam em função do momento ou das circunstâncias.

Nem sempre ganham, nem sempre perdem, mas nunca são desamparados: são amados, com liberdade e cuidado.

Rocha (2006) afirma o pensamento nietzschiano sobre a transformação como condição para o não saber, já que transformar-se é abrir mão do que se sabe.

É esquecer, deixar o passado passar para se tornar capaz de seguir o processo de transformação. É esse esquecimento que nos coloca diante do imprevisto, do devir.

No pequeno grupo o cuidador não possui um saber de cuidar que determina como o membro será cuidado.

O conhecimento do cuidador precisa ser esquecido, relativizado, para que seja possível aprender a cuidar sempre de novo. Com cada membro torna-se uma nova experiência, construída com as pessoas cuidadas.

Cada experiência de cuidar é singular, já que as pessoas são diferentes e únicas. A prática do cuidado gera um novo saber sempre impermanente, sempre móvel.

Ela observa também que o cuidado constitui deixar de ser quem se é, abrindo a possibilidade de reinventar-se. Logo, não se pode falar em sujeito do cuidar educativo, mas antes, de um processo que desfaz a noção de sujeito. Tornar-se quem se é, é transformar o ser, a cada instante, naquele que se constitui nos eventos sempre mutáveis.

Ele é motivado por intermédio de uma escuta acolhedora e interessada, tanto do grupo quanto do moderador líder, a se construir e reconstruir no mundo de seus relacionamentos.

O membro não é definido mais por sua família, pelo grupo social que frequenta, e nem pelo pequeno grupo. Agora ele se percebe em um processo, numa condição de indefinição existencial, de impermanência, de re-significação de seu existir.

Entende que o seu processo de existir é singular. Nenhum outro processo é como o seu, já que está sempre se refazendo, sempre se trabalhando, sempre diante de muitos sentidos possíveis de seu viver, que é único. Isto pode se tornar possível pelo *holding*, conceito winnicotiano ao qual já nos referimos neste capítulo. Este processo significa experimentar o carinho, a proteção, o cuidado que ampara e se preocupa, expressando o amor por aquele que está em sofrimento.

Martins (apud FEITOSA, 2006) comenta que Nietzsche, em *Genealogia da Moral*, afirma que a moral racionalista se propõe a reprimir a liberdade no ser humano, pois nela as paixões e os desejos se tornaram forças que precisam ser controladas.

Barrenechea (2009, p.24) confronta o dualismo metafísico que separa o ser humano em corpo e alma, com a definição de Nietzsche: “o corpo é um fio condutor que permite descer às profundezas do homem para detectar os impulsos inconscientes que estão na base de todos os pensamentos”. E acrescenta o seguinte:

(...) o questionamento nietzschiano à existência da alma não implica apenas uma tarefa crítica demolidora de um dos velhos ídolos da tradição ocidental. Ele

propõe o corpo como fio condutor interpretativo, como uma perspectiva ainda mais fascinante e misteriosa “do que a crença na alma e no espírito. (...) É importante, nesse momento, continuar analisando a compreensão nietzschiana do corpo, cuja estratégia principal consiste no esforço por traduzir seu aspecto dinâmico, que configura momento após momento uma composição instável de hierarquia de forças (Barrenechea, 2009, p.47 e 51).

É neste sentido que Barrenechea (idem) faz referência ainda à definição de Nietzsche em relação ao corpo como sendo exclusivamente uma relação de forças. O corpo também é um jogo de processos instintivos, um embate de forças orgânicas que brigam por impor sua potência.

Desse modo, a civilização socrática considerará o impulsivo, o emocional, o sensível, como algo que pertence à categoria do impróprio, aparte da natureza do homem.

A análise nietzschiana do corpo revela que ele não pode ser compreendido como algo substancial, como entidade, como fundamento. O corpo nos remete à realidade do impermanente, do mutável e do instável. Ao falar do corpo no cotidiano, Barrenechea (2009, p.90 e 91) destaca que:

(...) na experiência cotidiana percebemos os corpos como pretensas entidades, como estabilidades, como identidades. Nossos sentidos compõem o aparentemente estável. Na nossa experiência interna, temos a clareza que permite contestar essa suposta evidência dos nossos sentidos. Vivemos nosso corpo na sua impermanência, nos movimentos contínuos, nos seus estados diversificados. Na dita experiência interna, percebemos o nosso corpo perpassado por forças múltiplas, por incessantes alterações; no plano das idéias, das emoções, das volições tudo muda, cada instante mostra uma gama de pensamentos, afetos e desejos que se diversificam, que se especificam momento a momento.

O corpo, para Winnicott, tem importância na constituição do psiquismo da criança, assim como para Nietzsche, que nos traz o corpo encarnado, ou seja, o corpo que está em constante transformação, atravessado por paixões, pleno de intensidades.

Winnicott nos mostra o quanto este mesmo corpo adquire um papel central na relação do indivíduo com o mundo, na abertura que ele poderá vir a ter para com a vida e no como este indivíduo irá enfrentar as vicissitudes com as quais irá se deparar na vida.

Michel Foucault atribui a mesma importância ao corpo, e este é um aspecto que sublinhamos nestes três autores, e que nos autorizou a escolha que realizamos. Em o

*cuidado de si*, Foucault nos oferece uma reflexão na qual coloca a subjetividade em um processo que cria e se autoconstitui. Neste processo – o cuidar-se – é fundamentalmente ético.

O *cuidado de si* não é, como veremos adiante, autocentrado, narcísico, mas considera o outro como elemento ativo nas relações e, sendo assim, Foucault entende o *cuidado de si* como uma ética, uma prática ativa e criativa da vida. Este é um outro aspecto – o da ética – que nos fez reunir aqui Boff, Winnicott, Nietzsche e Foucault.

### 3.3 MICHEL FOUCAULT E O *CUIDADO DE SI*

De acordo com Medeiros (2009), para Foucault o corpo é marcado pela história, não se limitando às leis fisiológicas. Ele está submetido a regimes que o constroem. Foucault (2009, p. 21) afirma que o corpo é lugar da proveniência, da origem. A proveniência é o filão onde se encontram: “(...) os erros e as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe de valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos não existem a verdade e o ser (...)”. Neste sentido podemos dizer que o corpo é lugar dos acontecimentos passados e da mesma maneira que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e erros nele se contradizem, encontram, enfim, continuam seu insuperável conflito. O corpo é lugar da dissociação do Eu enquanto unidade substancial. No corpo os conceitos se relativizam, são construídos e reconstruídos historicamente.

Portocarrero (apud RAGO, 2008), em seus estudos sobre o pensamento de Foucault, observa que o Eu é tratado como um processo sempre inacabado e que vai se transformando juntamente com seu devir histórico.

Ele afirma que Foucault busca um sujeito que tem a capacidade de re-significar o seu existir. Um sujeito que não aceite ser conduzido por valores ditados por outros que não fazem parte de sua história pessoal.

Gallo (idem) considera que a preocupação de Foucault com a liberdade do sujeito frente às relações de poder o levou a recuperar da antiguidade clássica uma ética de relação do indivíduo consigo próprio. E Gros (idem) entende essa ética foucaultiana do *cuidado de si* como que expressa pela afirmação: cuida de ti mesmo.

Tal cuidado não é tarefa fácil, por isso se faz necessário um acompanhamento de uma pessoa experiente no cuidar, na arte de cuidar-se. Este acompanhar se faz por meio de atividades eminentemente sociais, como conversas, trocas de cartas e aprendizagem escolar.

O cuidado de si não é uma tarefa solitária, trata-se antes, de um modo de intensificar as relações sociais pelo cuidado de si, ou seja, devo cuidar do outro com o mesmo apreço com que cuido de mim mesmo.

Medeiros (2009) comenta sobre as técnicas ou práticas de si:

A escrita de si aparece em 1983, anunciando já o trabalho que Foucault realiza no final de sua vida: *A história da sexualidade*. O terceiro e último volume é chamado *O cuidado de si*, e nele Foucault apresenta sua leitura de textos greco-romanos que falam de práticas de si, através das quais o sujeito produz a experiência de si mesmo, imbricado num jogo de verdade ao analisar-se, decifrar-se, reconhecer-se, sempre em relação consigo mesmo (1990b). Estas técnicas e cuidados fazem parte dos processos de subjetivação e de constituição de si. Isto demarca sua intenção de fazer uma genealogia do que se passa conosco no momento presente, no sentido de procurar entender o valor que têm as coisas neste presente e, mais ainda, aponta seu compromisso com a liberdade. Ele diz isso em notas manuscritas (citadas por Miguel Morey): “O objetivo é: a criação da liberdade”. Esta afirmação é seguida de comentários nos quais Foucault diz que nos vemos hoje às voltas com questões de ordem política, ética, social e filosófica e que seu trabalho procura pensar nos nefastos processos de individualização que nos são impostos há séculos, sendo preciso “promover novas formas de subjetividade”.

A história que Foucault quer descrever é a das técnicas de aprimoramento da relação de si para consigo, levando em consideração os exercícios por meio dos quais o sujeito se constitui como tal.

É dos textos estoicos essencialmente e ocasionalmente dos epicuristas que Foucault se utiliza para construção da estrutura subjetiva denominada *cuidado de si*.

De acordo com Gros (apud RAGO, 2008), Foucault apresenta algumas características importantes do *cuidado de si*: “...o cuidado de si constitui um sujeito da concentração mais do que da meditação.”

Trata-se de mostrar que todos os exercícios de conversão a si, de retorno a si mesmo, não podem ser sobrepostos às posturas subjetivas da introspecção, da decifração ou da hermenêutica de si, da objetivação de si por si mesmo.

A atitude que consiste para o sábio em se retirar em si mesmo, em se voltar para si, em se concentrar em si mesmo visa antes uma intensificação da presença para si.

Estas práticas referem-se a um acompanhar-me, de uma imanência radical, que consiste em um não dividir-se, fazendo de si um objeto separado que posso observar, categorizar.

O princípio da imanência radical é um permanecer inteiramente presente a si mesmo, plenamente atento às suas capacidades.

Consiste também em saber o que depende de mim e o que não depende de mim, assim como não fazer sua felicidade depender de outra coisa senão de si mesmo, enfim estar em si mesmo como um porto seguro, inabalável, serenamente estóico.

Gros (idem) observa que o interesse de Foucault no *cuidado de si* tem como proposta compreender a forma como ele se integra no social e sua ação política. Este cuidado de si atua num horizonte comunitário e institucional. Ele não é uma atividade solitária, pois, ao contrário, privilegia o outro.

O eu que se procura cuidar não é algo já previamente dado, mas uma conquista difícil, que exige nosso empenho e perseverança. e para que esse *cuidado de si* se realize é necessário, por vezes, que chamemos um outro para nos ajudar.

Este outro, para nossa igreja, comparece por meio da dinâmica cuidadora do pequeno grupo. Nele o outro se transforma em acolhimento e amparo.

Semanalmente somos recebidos em grupo, uma pequena comunidade que não julga nossas ações ou a falta delas, mas que ajuda a nos posicionarmos diante de nossa realidade do desamparo, fazendo com que as escolhas e decisões sejam possíveis para nós mais uma vez.

No pequeno grupo, o cuidar de si e cuidar do outro produz vínculos, afetos, amor, no qual se descobre que o amor e o cuidado precisam sempre estar juntos, abrindo possibilidade para os encontros verdadeiros.

O que vem confirmar o pensamento de Boff (2008) de que o cuidado está relacionado a uma atitude de interesse, solicitude, atenção ao outro, e também de inquietação, já que quem cuida se sente afetivamente vinculado ao outro.

É nesse pequeno grupo que se dá a autoconstrução e o aprendizado de como cuidar de si, acompanhado, orientado por um cuidador, uma vez que o cuidado não se constrói sozinho.

Acompanhei um membro do pequeno grupo que ao falar de si, sempre se referia ao quanto ele era errado, intempestivo, ansioso e que tudo na vida dele sempre era confuso e difícil.

Dizia ele que se algo tivesse que dar errado seria com ele. De fato seu histórico de fracassos era extenso. Nunca alguém tinha acreditado que ele pudesse dar certo. Sempre pedia desculpas ao falar, dizendo que não conseguia parar de falar, e que logo, nós, o grupo, também estaríamos desistindo dele.

Comecei a investir tempo nesse membro que chamarei de José. José não compreendeu porque eu queria conversar com ele. Não tinha nada interessante para me oferecer e tinha medo de me decepcionar e que eu me afastasse.

Disse-lhe que tudo que eu queria era poder desenvolver uma amizade com ele. Queria ouvi-lo e gostaria que compartilhasse comigo suas dificuldades. José se encontrava comigo durante a semana e também participava do pequeno grupo.

Com o passar do tempo percebi nele um sentimento de gratidão pelo tempo que passávamos juntos conversando sobre suas lutas e dificuldades.

Fazia questão de pagar o café ou às vezes o lanche. No pequeno grupo começou a se expressar com mais ousadia, sempre olhando para mim esperando uma aprovação e apoio.

Após o encontro do grupo sempre temos um momento de descontração, fazendo um lanche e conversando informalmente. Todos procuravam se aproximar de José, valorizando suas opiniões compartilhadas no encontro do grupo.

Talvez José nunca tenha sido ouvido em sua vida e tido tanta atenção e carinho como no grupo. José começou a ter uma atitude menos defensiva no relacionamento com os membros do grupo.

E com o passar do tempo seu sentimento de gratidão começou a se expressar por uma atitude carinhosa e gentil para com as pessoas. Começou a oferecer carona para quem não tinha carro.

Um dia desabafou que estava se posicionando de forma diferente em seus relacionamentos e no seu trabalho. Queria ser tratado com a mesma consideração com que era tratado no grupo. Percebia que as pessoas não sentiam pena dele.

Na verdade, as pessoas eram sinceras e ele era querido. Não me lembro de as pessoas dizerem para José que ele era uma boa pessoa e que deveria se valorizar. Todos o aceitaram como era e a maneira como se percebia.

Todos o acolheram e o respeitaram. Creio que a atitude de aceitação e interesse permitiu a José se aceitar melhor. José ainda tem muitas dificuldades a superar, mas hoje, ele tem um grupo de amigos que o amam e se importam com ele.

O amor sem o cuidado não se sustenta, e a permanência do cuidado e sua perseverança só é possível por causa do outro que acolhe, cuida, se compromete, se preocupa e ama.

Estas práticas, quando experimentadas nos pequenos grupos, geram novas e melhores relações que são transferidas para outras relações, tal como José, que começou a se perceber e se posicionar de uma nova maneira.

### 3.4 O CUIDAR COMO PROCESSO EDUCATIVO

A educação, enquanto cuidado, retrata um aspecto da vida dos grupos sociais que a criam e recriam de acordo com Brandão (2009), que trabalha com grupos e movimentos de Educação Popular desde 1963.

É antropólogo e trabalha no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Campinas (UNICAMP), lecionou na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica de Goiás.

Segundo o autor (idem), o cuidado da educação presente no imaginário das pessoas, nos grupos sociais, tem como objetivo: transformar pessoas e comunidades em algo melhor, de acordo com as imagens que se tem uns dos outros. Para ele (idem, p. 27 e 28), o processo social de aprendizagem estudado pelos antropólogos constitui:

[...] tudo que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe e faz, para quem não-sabe-e-aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças

e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas para o ato de ensinar.

Nas aldeias dos grupos tribais mais simples, todas as relações entre a criança e a natureza, guiada de mais longe ou mais perto pela presença de adultos conhecedores, são situações de aprendizagem. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gosto de fazer a coisa. São também situações de aprendizagem aquelas em que as pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados: na turma da caçada, no barco da pesca, no canto da cozinha da palhoça, na lavoura familiar ou comunitária de mandioca, nos grupos de brincadeiras de meninos e meninas, nas cerimônias religiosas.

Para o autor (idem), tudo o que está disponível numa cultura como saber é aprendido por meio da experiência pessoal com o mundo e com o outro. A esse processo denomina-se endoculturação, através do qual os membros do grupo social informal passo a passo se socializam como sujeitos sociais.

Continuando a pensar o cuidar educativo na perspectiva da experiência pessoal com o mundo e com o outro, encontramos o responsável pelo relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Jacques Delors.

Delors (2000) e sua comissão internacional de especialistas, redigiu um relatório para a UNESCO sobre a Educação para o Século XXI, com o título, Educação: um tesouro a descobrir, iniciado em março de 1993 e concluído em setembro de 1996.

Neste relatório, conhecido como o relatório Jacques Delors, a comissão voltou-se para o desenvolvimento humano, entendido como a evolução da capacidade de raciocinar e imaginar, da capacidade de discernir e do sentido das responsabilidades.

É destacado pelo relatório, o papel dos professores como agentes de mudanças e formadores do caráter e do espírito das novas gerações, tendo em vista a urgência de evitar-se os preconceitos étnicos e o totalitarismo no mundo.

De acordo com a comissão, o cuidar educativo é um grito de amor à infância e à juventude, que devemos acolher nas nossas sociedades, no sistema educativo com certeza, mas também na família, na comunidade e na nação.

Mas como aprender a viver juntos na realidade global, se no contexto menor de nossas famílias e comunidades nos falta a competência de nos relacionarmos? Essa é uma questão colocada por Delors (2000) e sua comissão.

O autor (idem) responde afirmando que a comissão não pode deixar de lado as políticas educativas que podem contribuir para um desenvolvimento humano

sustentável, para a compreensão mútua entre os povos, e para uma renovação de uma vivência concreta de democracia.

Para tanto Delors (2000), em seu pensamento, expressa a necessidade de se considerar de perto as tensões a ultrapassar, como a tensão entre o global e o local, o que significa tornar-se progressivamente cidadão do mundo sem perder suas raízes, e participando, ativamente, na comunidade e na vida de seu país.

Uma outra tensão refere-se ao universal e o singular; nessa tensão a mundialização vai se realizando progressivamente, com suas promessas sedutoras e riscos, **cujo menor não é com certeza** o esquecimento do caráter único de cada pessoa, de sua vocação para escolher o seu destino e realizar todas as potencialidades, mantendo as suas tradições intactas.

A tensão entre tradição e modernidade, aponta para o cuidado de adaptar-se sem negar a si mesmo, construir a sua autonomia em dialética com a liberdade, a evolução do outro e dominar o progresso científico.

As soluções entre curto e longo prazo, tensão esta alimentada hoje pelo domínio do efêmero e do instantâneo, não leva em consideração que alguns problemas enfrentados precisam de uma estratégia paciente, o que sugere concentração e negociação das reformas a executar. As políticas educativas são o espaço que esta estratégia se aplica.

A indispensável competição e o cuidado com a igualdade de oportunidades tem sido uma tensão que colabora para que muitos responsáveis esqueçam a missão de dar a cada ser humano os meios de poder realizar suas oportunidades.

Preocupado com isso, o autor (idem) e sua comissão retomam o conceito de educação como que diz respeito ao longo da vida, de maneira a conciliar a competição que estimula, a cooperação que reforça e a solidariedade que une. É importante defender os elementos fundamentais de uma prática cuidadora educativa que ensine a viver melhor, através do conhecimento, da experiência, e da construção de uma cultura pessoal.

Cabe à educação a missão de fazer com que todas as pessoas tenham a liberdade e as condições necessárias e suficientes para frutificar os seus talentos e

potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a condição de poderem se responsabilizar pela realização de seu projeto pessoal.

A prática cuidadora educativa nos pequenos grupos por parte do moderador líder, que tem também a função cuidadora educativa de favorecer o desenvolvimento dos talentos e potencialidades criativas, acompanha a proposta de Delors (2000) e comissão, no sentido de dar novo valor à educação, com o propósito de viabilizar efetivamente a cada pessoa os meios de compreender o outro na sua especificidade, e de compreender o seu mundo, e que, para tal, antes é importante começar por se conhecer a si próprio, pela meditação e pelo exercício da autocrítica.

Uma educação que se preocupa com o conhecimento de si mesmo e do meio ambiente, e o desenvolvimento de capacidades que possibilitem cada um agir enquanto membro de uma família e comunidade.

No pequeno grupo cada membro é considerado em sua especificidade, e cada membro experimenta o reconhecimento e o acolhimento amoroso por parte da comunidade do pequeno grupo. Cada membro tem uma contribuição e um talento que será estimulado pelo moderador líder e pela comunidade do pequeno grupo.

Será também motivado a desenvolver suas habilidades, não só no contexto do pequeno grupo, mas também na sua família, na sua vizinhança e em seu trabalho. Tal esforço educativo realizado por parte do pequeno grupo se propõe, como Delors (idem) e sua comissão, a subordinar todo tipo de progresso dentro do respeito pela pessoa humana e da sua integridade.

Delors (idem) e sua comissão, preocupados com a modificação dos quadros tradicionais da existência humana, colocam a urgência de compreender melhor o outro, de compreender melhor o mundo. A comissão entendeu que a compreensão mútua, de entreajuda pacífica, são valores de que o mundo mais precisa.

Essa realidade levou o autor (idem) e sua comissão a dar mais importância a um dos quatro pilares considerados como as bases da educação. Estamos falando do pilar **de aprender a viver juntos**. Em nossa pesquisa sobre o cuidado educativo no pequeno grupo na Igreja Presbiteriana Betânia em São Francisco, Niterói, também estaremos enfatizando e dando mais importância ao pilar de aprender a viver juntos.

Delors (idem), contudo, não deixa de levar em consideração os outros três pilares que contribuem para os elementos básicos para aprender a viver juntos. São eles: aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser.

No pilar de **aprender a conhecer**; se pretende que uma pessoa aprenda a conhecer o mundo que a cerca, na medida em que isso lhe é necessário para viver com dignidade, e para poder desenvolver suas capacidades profissionais, para comunicar.

Ao poder compreender seu ambiente sob uma diversidade de aspectos, favorece uma curiosidade intelectual, estimula o senso crítico, e permite compreender o real, por meio de uma autonomia na capacidade de discernir.

É preciso não excluir a cultura geral nas especializações. A cultura geral, enquanto abertura a outras linguagens e outros conhecimentos, permite, antes de tudo, comunicar-se e se interessar pelo que os outros fazem e poder cooperar com eles.

Aprender para conhecer, supõe exercício da atenção, memória e pensamento; assim é preciso se ter cuidado à sucessão muito rápida de informações mediatizadas por imagens televisivas, que prejudicam o processo de descoberta, que se realiza pela duração e aprofundamento da apreensão.

O processo de aprendizagem do conhecimento não tem fim, e pode enriquecer-se com qualquer experiência.

Quanto ao pilar **aprender a fazer**, além da aprendizagem, há que adquirir uma competência mais abrangente que prepare a pessoa a lidar com uma multiplicidade de situações, e algumas delas imprevisíveis. É necessário preparar as pessoas para o trabalho em equipe, as relações interpessoais tem sido negligenciadas pelos métodos pedagógicos.

No pilar **aprender a ser**, Delors (idem) e sua comissão afirmam que a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa-espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado em sua juventude para elaborar pensamentos autônomos e críticos, ser capaz de formular os seus próprios juízos de valor, de maneira a ter condições de decidir, por si mesmo, como escolher diante das diferentes situações da vida.

Vamos agora nos deter no pilar que motivou a nossa pesquisa, **aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros**. A educação deve usar duas vias complementares, a descoberta progressiva do outro e a participação em projetos comuns.

Delors (idem) e sua comissão entendem que se colocarmos grupos diferentes num contexto igualitário e se existirem objetivos e projetos comuns, os preconceitos e as hostilidades latentes podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais tranquila e poderá haver boas amizades.

Temos experimentado a proposta cuidadora educativa no pequeno grupo como um projeto comum, com objetivos comuns, num contexto igualitário onde as diferenças são respeitadas e a solidariedade e o respeito e o amor e singularidade do outro tem contribuído para construção de fortes laços de amizade. Isso será demonstrado com mais detalhes no item cinco de nosso trabalho.

Para o autor (idem), a educação deve levar as pessoas a perceberem as semelhanças e a interdependência de todos os seres humanos. Isto também está bem registrado nas narrativas e depoimentos dos participantes da prática cuidadora educativa nos pequenos grupos que serão expostos no item cinco.

O autor (idem) e sua comissão entendem que a descoberta do outro, passa necessariamente pela descoberta de si mesmo. Somente depois de saberem de si no contexto da família, da comunidade, é que poderão se colocar no lugar do outro e compreender suas ações.

Tendo em perspectiva os quatro pilares da educação de Delors (idem), e preocupados com a educação do próximo milênio, em 1999, por iniciativa da UNESCO, e de seu então presidente Federico Mayor, foi solicitado ao antropólogo, sociólogo e filósofo Morin (2006), sistematizar um conjunto de reflexões que servissem de partida.

Edgar Morin (idem), tal como Delors (idem), propõe também uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano, uma educação integral do ser humano, denominada por ele de Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro.

Em relação aos Sete Saberes necessários à Educação do futuro nos interessa para este trabalho enfatizar os saberes: **ensinar a condição humana, ensinar a compreensão**.

Os outros saberes são: as cegueiras do conhecimento - o erro e a ilusão, os princípios do conhecimento pertinente, enfrentar as incertezas, ensinar a condição terrena e a ética do gênero humano.

Com respeito ao saber **ensinar a condição humana**, Morin (2006) destaca, da mesma forma que Delors (2000) em seu pilar aprender a ser, que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, e histórico, e que essa condição complexa da identidade do ser humano é comum a todos os seres humanos. Considerar apenas uma dessas facetas é deixar de perceber o homem em sua totalidade, em sua complexidade. O cuidar educativo não pode desprezar essa realidade.

No saber **ensinar a compreensão**, Morin (2006) quer destacar a compreensão humana que significa uma missão espiritual da educação, ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. Compreender passa necessariamente por um processo de empatia, de identificação, de projeção, como Delors (2000) enfatiza em seu pilar aprender a viver juntos. Em sua intersubjetividade, a compreensão pede abertura e generosidade na descoberta do outro.

Esse saber, ensinar a compreensão, e o pilar aprender a viver junto se equivalem à **fase** do pequeno grupo denominada **de comunidade**, onde o outro é percebido em sua especificidade, é acolhido com amor e solidariedade. Os depoimentos dos membros possibilitam identificações de experiências, abertura e generosidade em relação ao outro. Essa fase será melhor estudada no item quatro, que falará da organização e processo do pequeno grupo.

Com relação às cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão, Morin (2006) alerta para necessidade de na educação se estudar as características cerebrais, mentais, culturais dos conhecimentos humanos, das disposições tanto psíquicas quanto culturais que conduzem ao erro ou à ilusão.

Quanto aos princípios do conhecimento pertinente, Morin (idem) sugere a necessidade de se ensinar métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.

O saber a identidade terrena fala da necessidade de reconhecermos que a crise planetária que marca o século XX, confrontando todos os seres humanos de agora em diante, estará expondo-os ao mesmo problema de vida e de morte, partilhando um destino comum.

O saber enfrentar as incertezas convida ao abandono das concepções deterministas da história humana, que acreditavam poder predizer o futuro. É necessário preparar nossas mentes para o inesperado, para poder lidar com ele.

A ética do gênero humano nos conduz a uma antro-po-ética, onde Morin (idem) coloca o caráter ternário da condição humana, que é ser ao mesmo tempo indivíduo-sociedade-espécie. Nessa razão, a ética indivíduo-espécie necessita de controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade.

Compreendemos que o cuidar educativo não será possível se não se considerar a relação de mútua influência do indivíduo, com sua comunidade, e com sua condição humana.

Mostraremos no item cinco, a pesquisa que desenvolvemos no pequeno grupo na Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil.

## **4 O PEQUENO GRUPO: o caso da Igreja Presbiteriana Betânia**

### **4.1 BREVE HISTÓRICO DA IGREJA**

A Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil, em São Francisco, Niterói, foi organizada como Igreja em 19 de junho de 1966, à Rua Major Fróes, nº 59. O nome Betânia foi dado em homenagem a uma cidadezinha do Monte das Oliveiras, cerca de três quilômetros de Jerusalém. Betânia era o lugar onde Jesus gostava de estar. Era sinônimo de consolo, paz e restauração.

O período de dezoito anos que antecederam a inauguração da segunda sede da Igreja Presbiteriana Betânia foi marcado por um trabalho de cunho evangelístico, com o cuidar de seus membros por intermédio da oração, do aconselhamento e visitas pastorais, anunciando o Evangelho à comunidade do bairro.

Aos poucos, em função da demanda de membros nos cultos e do ensino da Bíblia em classes da Escola Dominical, o espaço físico foi se tornando insuficiente para atender a todos, tornando-se necessário um espaço maior para que o trabalho pudesse continuar.

Da necessidade de ampliação do espaço, em 1984 inaugurou-se a nova sede, à Av. Rui Barbosa, nº 679, São Francisco, Niterói, que serviu de objeto de estudo para essa pesquisa.

### **4.2 DINÂMICA E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DA IGREJA**

Atualmente a Igreja possui 1500 membros. A liderança é exercida por pastores, presbíteros e diáconos. Possui um administrador, em tempo integral, que supervisiona todo o setor de pessoal e gerencia a contabilidade. O trabalho de secretaria é feito de forma eficiente por duas secretárias.

Fazem parte da membresia todos os membros comungantes, que são aqueles maiores de 18 anos batizados e que fizeram a profissão de fé, o que significa declarar para a comunidade que a Bíblia é a sua regra de fé e prática, e os não-comungantes, que são menores de 18 anos batizados em sua infância e que não fizeram ainda sua pública profissão de fé.

Somente os membros comungantes gozam de todos os privilégios e direitos da Igreja. Para exercer um cargo eletivo na Igreja é indispensável o decurso de seis meses após sua recepção; para o presbiterato ou diaconato, o prazo é de um ano.

São deveres dos membros da Igreja, conforme o ensino e o espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo: viver de acordo com a doutrina e prática da Escritura Sagrada, a Bíblia; honrar e propagar o Evangelho pela vida e pela palavra; sustentar a Igreja e suas Instituições, moral e financeiramente; obedecer às autoridades da Igreja, enquanto estas permanecerem fiéis à Bíblia e participar dos trabalhos e reuniões da sua Igreja, inclusive assembléias. Nesse caso, não estão incluídos os demais que frequentam a Igreja.

Para desenvolver sua tarefa junto aos fiéis, a Igreja está assim organizada:

- **Pastor Efetivo:** assume o cargo a partir de um processo eletivo, orientado pelo Conselho da Igreja, por um mandato de cinco anos, podendo ser reeleito. Sua função é administrar os sacramentos, invocar a bênção apostólica sobre o povo de Deus, celebrar o casamento religioso com efeito civil, orientar e supervisionar a liturgia na Igreja, orar com o rebanho e por este, instruí-lo na doutrina cristã; dedicar atenção à infância e mocidade, bem como aos necessitados, aflitos e enfermos, e exercer, juntamente com outros presbíteros, o poder coletivo de governo.
- **Pastores Auxiliares:** trabalham sob a direção do pastor efetivo e possuem mandato de um ano, podendo ser renovado a pedido do pastor efetivo. Sem jurisdição sobre a Igreja, com voto, porém no Conselho, podendo assumir os pastorados da Igreja quando convidados pelo Pastor, ou na sua ausência, pelo Conselho.
- **Conselho:** é o concílio que exerce jurisdição sobre uma igreja, e é composto pelo pastor, ou pastores, e dos presbíteros. O pastor efetivo é o presidente do Conselho. O conselho exerce o governo espiritual e administrativo da igreja sob sua jurisdição, velando atentamente pela fé e comportamento dos crentes, de modo que não negligenciem os seus privilégios e deveres. Admite, disciplina, transfere e demite membros, impõe penas, encaminha a escolha e eleição de presbíteros e diáconos, ordena presbíteros e diáconos, e tem a função de instalá-los, depois de verificar a regularidade do processo

das eleições e a idoneidade dos escolhidos. Encaminha a escolha e eleição de Pastores, recebe o Ministro designado pelo Presbitério, estabelece e orienta a Junta Diaconal, supervisiona, orienta e superintende a obra de educação religiosa e as organizações da igreja, bem como obra educativa em geral e quaisquer atividades espirituais.

- **Presbíteros:** levam ao conhecimento do Conselho as faltas que não podem corrigir por meio de admoestações particulares, auxiliam os neófitos, consolam os aflitos e cuidam da infância e juventude, oram com os crentes e por eles, informam o pastor os casos de doenças e aflições, distribuem os elementos da Ceia, tomam parte na ordenação de ministros e oficiais.
- **Junta Diaconal:** o diácono é o oficial eleito pela Igreja e ordenado pelo Conselho, para, sob a supervisão deste, dedicar-se especialmente à arrecadação de ofertas para fins piedosos, cuidado aos pobres, doentes e inválidos, ao exercício da fiscalização para que haja boa ordem na casa de Deus e suas dependências.
- **Departamentos Internos:** esse último é composto pela Escola Dominical, Homens de Palavra, Mulheres de Betânia, Departamento Infantil, Departamento de Adolescentes e Jovens, e Ministério de Pequenos Grupos, objeto desse trabalho.

Para compreensão de como se dá o trabalho no pequeno grupo na instituição pesquisada, consideramos importante situar, inicialmente, o modo como está organizado e como funciona o grupo.

#### 4.3 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO PEQUENO GRUPO

Partimos, a título de ilustração, do seguinte trecho bíblico:

“E consideremo-nos uns aos outros para incentivar-nos ao amor e às boas obras. Não deixemos de nos reunir como igrejas, segundo o costume de alguns, mas encorajemo-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês vêem que se aproxima o Dia.” (Hebreus 10:24-25)

O trecho se refere aos encontros em pequenos grupos dos primeiros cristãos. Neighbour (2007) comenta que esses encontros tinham como objetivo a

comunicação interativa mais do que a instrução do ensino bíblico. Era uma maneira deles se motivarem uns aos outros. O pequeno grupo propiciava um ambiente em que podia haver um máximo de compartilhamento e encorajamento mútuos, e que os encontros dos pequenos grupos serviam para aprimorar nosso relacionamento uns com os outros. A relação autêntica ou encontro autêntico surge como um processo. É necessário reunir-se continuamente para que se possam construir vínculos. Os encontros também servem para motivar as pessoas a cuidarem de outras pessoas.

Na visão de Neighbour (2007) o pequeno grupo passa por quatro etapas: o da descoberta, o dos conflitos, o da comunidade e o da abertura.

Etapa da Descoberta: refere-se aos primeiros encontros, onde é possível conhecer melhor as pessoas. Os membros sentem-se mais confiantes nos relacionamentos, compartilhando histórias pessoais e observando que possuem os mesmos problemas. Percebem que não estão sozinhos em suas dificuldades.

Etapa dos Conflitos: esta etapa ocorre em razão das pessoas terem se aproximado tanto em seus compartilhamentos que seus sistemas de valores familiares e ideológicos começam, por suas diferenças, a criar tensões e desacordos. Os conflitos favorecem uma reflexão e uma aproximação com o propósito de cuidar e acolher essa pessoa diferente com valores culturais diversos. Esta aproximação cria possibilidades e relacionamentos com maior intimidade.

Etapa da Comunidade: vencida a etapa dos conflitos, o pequeno grupo experiencia uma fase de forte expressão comunitária. Os vínculos entre os participantes ficam bastante fortalecidos. Nesta etapa é necessária toda atenção, pois o grupo pode se fechar em si mesmo, não permitindo a entrada de mais pessoas em razão de uma atmosfera segura e gratificante, e uma nova pessoa poderia atrapalhar esta harmonia.

Etapa da Abertura: aqui os participantes do grupo são estimulados a compartilhar com pessoas fora do grupo o cuidado que recebem no contexto de seu relacionamento grupal. Essas pessoas são aquelas do círculo imediato de relacionamentos, as que estão afetivamente mais ligadas ao grupo, como, por exemplo, os amigos, vizinhos e familiares. E o participante do grupo irá receber apoio para cuidar das pessoas que ele trouxe para o grupo.

#### 4.3.1 Como tudo começou

O projeto do pequeno grupo foi sugerido pelo Pastor presidente da Igreja, a partir de um Congresso realizado em 2002, sobre o funcionamento dos pequenos grupos na Igreja. Nesse congresso, observou-se que o cuidado e o acompanhamento através dos pequenos grupos é extremamente eficiente. E que a própria estrutura limitada do pequeno grupo proporciona uma atmosfera que gera confiança, acolhimento, suporte e solidariedade. Então, em 2004, iniciamos o trabalho de treinamento do moderador líder e do moderador auxiliar. Separamos inicialmente um grupo de trinta pessoas, que foram treinadas para realização de trabalhos com pequenos grupos na função de moderadores líderes. O objetivo era formar moderadores capazes de atuar num ambiente de maior proximidade, proporcionando um atendimento individualizado. Em geral, os pequenos grupos funcionam nas casas dos membros da Igreja. Alguns membros se voluntariam para receber o pequeno grupo em suas casas, por um período de dez meses a um ano, quando então se multiplicam. É nesse momento que a casa se transforma em Igreja.

Na tentativa de iniciar o trabalho do cuidar no pequeno grupo, criou-se uma classe na Escola Dominical com trinta pessoas, como citado acima.

A Escola Dominical consiste, ainda hoje, de várias classes que tem como objetivo aprofundar os livros da Bíblia, como por exemplo: os Evangelhos do Novo Testamento, que são os livros de Mateus, Marcos, Lucas e João, Atos dos Apóstolos, as cartas do Apóstolo Paulo e outros, e os livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Josué, Salmos, Jeremias, Isaías e outros.

Foi alvo também de estudo o funcionamento e a importância do trabalho com o pequeno grupo, durante o período de seis meses. Após esse período, no semestre seguinte a classe passou a funcionar como um pequeno grupo.

A classe era assim organizada: um professor, que tornou-se o moderador líder, um professor auxiliar, o moderador auxiliar e os alunos membros do grupo.

A primeira preocupação foi colocar em prática as etapas necessárias para realização de encontros dos pequenos grupos.

A **primeira** etapa chama-se **quebra-gelo**; é um momento no qual o moderador líder propõe dinâmicas de grupo, de modo que as pessoas possam se apresentar de forma descontraída e se conhecerem melhor. São utilizados

exercícios que visam descontração do grupo, abordando questões do cotidiano das pessoas, que trouxeram lembranças alegres.

A **segunda** etapa é a da **criatividade**, quando o moderador líder sugere músicas ou incentiva depoimentos pessoais que tenham relação com o tema reflexivo escolhido para o encontro. Essa etapa tem como objetivo criar uma atmosfera facilitadora para que as pessoas se sintam mais à vontade, conduzindo para a **terceira** etapa, a **problematizadora**. Nessa etapa, o moderador líder realiza um acompanhamento individual durante a semana, ajudado por seu moderador auxiliar. O objetivo é conhecer melhor a história pessoal e familiar dos membros do seu grupo.

Baseado nesses encontros, através de uma escuta focada nas histórias e vidas dos membros e da pregação realizada no culto, propõe um tema problematizador, cuja função é permitir que as pessoas do grupo possam expor suas questões, tensões e dores existenciais, permitindo o experimentar o cuidado mútuo.

A **quarta** etapa do encontro do pequeno grupo denomina-se **praticar o cuidado**. Nesta etapa, o moderador líder, juntamente com o moderador auxiliar, estimula os participantes do pequeno grupo a lembrarem de pessoas conhecidas, como amigos e familiares, que poderiam estar se beneficiando desse encontro de cuidado mútuo e o modo como poderiam aproximá-los do trabalho do pequeno grupo.

Após o término do segundo semestre de 2004, praticando as etapas do pequeno grupo na Escola Dominical, o grupo se dividiu em cinco pequenos grupos. No início de 2005, cada pequeno grupo possuía seis pessoas. Estes grupos foram orientados a convidar pessoas conhecidas de dentro e de fora da Igreja para participar dos encontros uma vez por semana em suas casas. Uma pessoa do grupo se voluntariava para ser o membro hospedeiro, que pelo período de um ano abrigaria o pequeno grupo até a data de sua multiplicação, que era definida como uma meta a ser alcançada, podendo ser alterada caso fosse necessário.

O processo de multiplicação consiste: 1) no treinamento dentro do grupo de dois ou mais moderadores auxiliares, que após a divisão assumirão a liderança do novo pequeno grupo; 2) praticar o cuidado, com a movimentação dos membros do pequeno grupo convidando pessoas cuidadas por eles a participarem dos encontros

do novo pequeno grupo, como por exemplo: vizinhos, amigos do trabalho, membros de sua família etc.

De 2005 até o ano de 2010 os pequenos grupos se multiplicaram em trinta. Nesses grupos temos uma média de quatrocentas pessoas, sendo cuidadas em pequenos grupos. Todas são unânimes em declarar as mudanças sofridas em suas vidas, estão mais alegres, vinculadas a seus grupos, sentem-se apoiadas e encorajadas mutuamente.

Essas pessoas tem um propósito de cuidar de si mesmas e de outras pessoas que estejam sofrendo carência de cuidado, isso as motiva, são pessoas mais relacionais e mais comunicativas. Se há uma necessidade ou emergência, são os pequenos grupos que se mobilizam com maior rapidez. Estão sempre conectados e atentos a qualquer tipo de carência dentro e fora da Igreja.

#### 4.3.2 O valor do trabalho do pequeno grupo

Com a criação do pequeno grupo, descrita no item anterior, há uma significativa mudança na compreensão dos pastores, no sentido de que é importante que o cuidado possa ser delegado aos moderadores líderes e seus auxiliares, em função de que os Pastores não tem a possibilidade de estarem em todos os lugares ao mesmo tempo, cuidando e consolando todos os membros da igreja.

Hoje, quando alguém está doente, é o moderador líder e o pequeno grupo que chegam primeiro para proporcionar o cuidado. Todos que passam pela experiência de ter um membro da família adoecido, se sentem muito confortados e amados pelo cuidado dos membros.

Nós pastores concordamos com Boff (2008), quando ele diz que o cuidado tem dois sentidos relacionados: uma atitude de solicitude e atenção com a pessoa e uma atitude de preocupação e de inquietação, porque quem cuida está envolvido afetivamente com quem é cuidado. Essas atitudes se encontram presentes no cuidado que o pequeno grupo proporciona.

Para que o trabalho no pequeno grupo tenha êxito, importa uma preocupação com o cuidado, também, com os moderadores líderes, no que se refere à capacitação e preparo para cuidar de outros.

Observamos que o moderador líder cuida melhor através do pequeno grupo, uma vez que o pequeno grupo cria vínculos com seus membros, na medida em que acompanha a vida de seus integrantes no dia a dia.

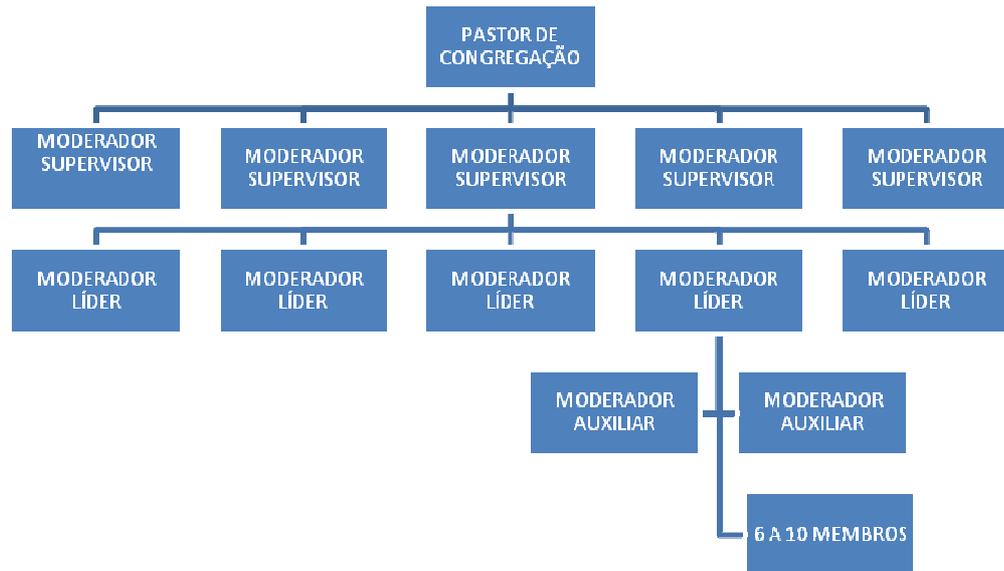
Com essa nova visão do cuidar no pequeno grupo, o trabalho do Pastor está centrado no moderador líder. Essa prática evita o que Boff (2008) tem observado nas Igrejas, em que os cuidadores acabam por vivenciar uma condição de desamparo pela impossibilidade de cuidar e de serem cuidados. Por isso, precisamos garantir aos cuidadores toda condição necessária para que eles possam exercer o cuidado na instituição, e todo o tempo necessário para que eles sejam cuidados. Os Pastores, na condição de moderadores de supervisão, são os cuidadores dos moderadores líderes, caminhando com eles semanalmente, ouvindo suas dificuldades, proporcionando os recursos necessários para que pratiquem o melhor cuidado possível.

Importa lembrar que não necessariamente um moderador de supervisão é um Pastor, em função de que existem vários grupos e que o número de Pastores não é suficiente para atender a todos.

Por outro, os grupos tendem a se multiplicar, o que acarreta, ainda mais, a necessidade de moderadores de supervisão, pois impossibilita que os Pastores possam dar conta de supervisionar os grupos existentes e, ainda, aqueles que se formam constantemente, pela via da multiplicação.

#### 4.4 ESTRUTURA DO PEQUENO GRUPO

Cada moderador líder cuida de um pequeno grupo que se constitui de dois ou mais moderadores auxiliares, e uma média de seis a dez membros. Cada cinco moderadores líderes são cuidados por um moderador supervisor. Cada cinco moderadores supervisor são cuidados por um moderador pastor de congregação, como se observa no organograma abaixo.



Para Neighbour (2007), a escolha do número cinco não tem maiores significados, a não ser que ele considera um número razoável para dispensar cuidados. Uma pessoa cuidando de cinco, nunca excedendo esse número, é uma tarefa bem mais fácil de realizar.

Quando no pequeno grupo o número atinge de dez a quinze membros, ele tende a se multiplicar, facilitando novamente a prática do cuidado. Na verdade, para Neighbour (idem), o moderador líder deverá passar a função do cuidado para seus moderadores auxiliares em treinamento. A tarefa maior do moderador líder será treinar o futuro moderador líder, que cuidará do pequeno grupo que nascerá. Quando ele faz referência ao número máximo de quinze, também não existe uma razão específica, a não ser a facilitação para cuidado e treinamento. Neighbour (idem) sugere que quando o pequeno grupo chega a dez pessoas, já deverá estar trabalhando a multiplicação em um novo pequeno grupo. Em sua experiência no trabalho com pequenos grupos, ele concluiu que essa dinâmica de cuidado é mais intensa quando o número é menor do que quinze.

#### 4.4.1 Moderador Líder e Moderador Auxiliar

De acordo com o autor, é possível que um pequeno grupo que iniciou com cinco membros, no período de um ano chegue ao número máximo de quinze, e é tarefa do moderador líder certificar-se que o moderador auxiliar esteja capacitado para assumir a liderança do novo pequeno grupo.

Esta capacitação é importante que aconteça no contexto do pequeno grupo, para que os membros do próprio grupo se sintam motivados a se voluntariarem como moderadores auxiliares, para que no futuro possam se tornar moderadores líderes em novos pequenos grupos.

O moderador líder deverá também orientar o seu moderador auxiliar para avaliar cada membro do grupo, no sentido de perceber de que forma poderá ser mais útil no cuidado aos demais membros. É importante que o moderador auxiliar acompanhe o moderador líder, observando-o em todas as atividades relativas ao pequeno grupo.

Neighbour (2007) descreve a aprendizagem do moderador auxiliar da seguinte forma: o moderador auxiliar observa o que o moderador líder faz. O moderador líder verbaliza o que faz e porque o faz. O moderador líder motiva o moderador auxiliar para fazer aquilo observou, encorajando, observando os pontos fortes e fracos de sua atuação, além de providenciar atividades que ajudem o moderador auxiliar a fortalecer suas eventuais áreas fracas. O moderador líder deverá também encorajar o moderador auxiliar dando-lhe responsabilidade no cuidado do pequeno grupo. Após a multiplicação, deverá acompanhar o novo moderador líder avaliando a relação dele com o novo moderador auxiliar. Deve, também, continuar próximo do seu antigo moderador auxiliar, cuidando de igual para igual, sendo seu amigo.

#### 4.4.2 Moderador Supervisor

De acordo com Neighbour (*idem*), o moderador supervisor deve cuidar constantemente do desenvolvimento nos pequenos grupos. Ele deve acompanhar os moderadores líderes, definindo com eles uma possível data para multiplicação dos pequenos grupos, e acompanhar o trabalho de formação e treinamento que fazem com os moderadores auxiliares. Ele deve ser um exemplo de cuidador e motivador, estabelecendo e ajudando o alcance de metas realizáveis, como por exemplo:

- a quantidade de horas semanais para cuidar do pequeno grupo;
- a maneira mais eficiente para utilização dessas horas separadas;

- quais serão suas prioridades para que as tarefas necessárias sejam cumpridas junto ao pequeno grupo.

O moderador deverá ter relatórios periódicos de cada moderador líder em relação às atividades e acontecimentos dos pequenos grupos, assim como uma lista atualizada dos membros e participantes dos mesmos.

Também deverá avaliar se o moderador líder está envolvido no cuidado com a vida de cada membro individualmente.

O moderador supervisor também deverá investir na vida da comunidade em que está inserido, tendo algumas perguntas como direcionamento para suas ações:

- quem são as pessoas que moram na vizinhança.
- se elas olham para você como uma pessoa indiferente ou se elas conhecem você e sua família.
- se elas já foram convidadas para irem à sua casa e/ou você já foi convidado para ir à casa deles.

Gaste tempo regularmente com cada moderador líder, em situações como falecimento de pessoas ligadas ao pequeno grupo, visitas aos doentes, conflitos familiares. Procure estabelecer um princípio de prestação de contas das metas que foram definidas, auxilie na solução de problemas ajudando a encontrar soluções apropriadas.

#### 4.4.3 Moderador Pastor de Congregação

Quando o grupo chega a ter cinco moderadores supervisores, um deles deverá se tornar o moderador pastor de congregação, para dar continuidade ao processo de cuidados. Neighbour (idem) esclarece que um moderador de congregação cuidará de cinco moderadores supervisores. Sendo assim, um moderador de congregação terá sob seu cuidado vinte e cinco pequenos grupos, cada um com seu moderador líder e pelo menos um moderador auxiliar. Cada cinco grupos de moderadores líderes com seu moderador supervisor forma, assim, uma congregação de pequenos grupos.

O moderador de congregação auxilia na resolução de problemas que o moderador supervisor necessite. Ele cuidará do treinamento e formação dos auxiliares de moderadores supervisores. Cuidando-os pessoalmente, através de

relacionamento constante com eles. Além disso, coordenará as reuniões mensais dos moderadores supervisores, avaliando e planejando as ações para os pequenos grupos supervisionados.

Esse é, portanto, o modo como o pequeno grupo se formou, a sua dinâmica e funcionamento no âmbito da Instituição, objeto desse trabalho cujo foco é o cuidar.

Consideramos importante a sua inclusão, de modo a permitir a compreensão de como se dá o cuidar no pequeno grupo.

## 5 O PROCESSO DO CUIDADO NO PEQUENO GRUPO

Este capítulo trata da pesquisa de campo, o modo como acontece o cuidado no pequeno grupo na Igreja Presbiteriana Betânia.

Conforme explicitado na metodologia, foram alvo da pesquisa três pequenos grupos e seus respectivos moderadores líderes, que construíram, cada um, uma narrativa descrevendo o modo como percebem seus trabalhos como cuidadores.

Consideramos que apreender, apenas, o “olhar” do cuidador, não seria suficiente para compreensão do processo de cuidar. Desse modo, buscamos junto àqueles que são cuidados, para quem todo trabalho é realizado, como se sentem no pequeno grupo.

Para tanto, solicitamos a sete membros do grupo que elaborassem um desenho que desse conta de como eles se percebiam fazendo parte do grupo e que criassem uma história que explicasse o desenho. É sobre isso que trata esse capítulo, na busca de articulação entre a base teórica que norteou esse trabalho e os sentimentos dos cuidadores e daqueles que são cuidados.

À guisa de introdução, lembramos Schein (1982) ao afirmar que a associação das pessoas em pequenos grupos, tem necessidade de construir relações de amizade, a fim de terem suporte em seus relacionamentos, serem amadas, reconhecidas em seus valores, contribuindo para reduzir a insegurança, a ansiedade e o sentimento de impotência de seus membros.

No caso das pessoas que buscam os pequenos grupos na Igreja, alvo da pesquisa, encontramos as mais diversas situações que necessitam do cuidar, tais como: separação de cônjuges, crises no casamento, orientação dos filhos; problemas financeiros, desemprego; doença; doença de familiar; solidão; depressão etc.

O sentimento de pertencer, o apoio e suporte mútuo favorece um sentimento de segurança e confiança. Neste contexto, Schein (idem) comenta que os membros encontram soluções para seus problemas com mais facilidades. No dizer de Maffesoli (1987), a estética<sup>1</sup> do sentimento não é uma experiência individualista, é a

---

<sup>1</sup> Estética no sentido de vivenciar ou de sentir em comum, como se vive e como se exprime a sensação.

abertura para os outros e para o Outro, conotando o espaço, o local, a proximia<sup>2</sup> onde se estabelece um laço estreito. As narrativas permitiram confirmar essas afirmativas. Vejamos a narrativa do moderador Jeremias:

***“(...) Aos poucos as pessoas vão se libertando de seus preconceitos, herdados de nossa cultura, e começam a confiar em Deus, ao mesmo tempo em que vão conhecendo melhor as demais pessoas que integram o pequeno grupo, e assim passam a desenvolver um relacionamento de amizade e confiança uns com os outros, o que permite liberdade para compartilhar problemas, muitas vezes pessoais ou íntimos, o que não seria possível em outros tipos de grupos que normalmente se vêem em nossa sociedade. As pessoas aprendem a reconhecer as suas próprias limitações para tratar estes problemas, e a orar uns pelos outros, confiando-os a Deus.”***

A narrativa acima apresenta o processo de cuidar que, segundo Neighbour (2007), refere-se à etapa da descoberta, na qual os membros sentem-se mais confiantes nos relacionamentos, compartilhando histórias pessoais e observando que possuem os mesmos problemas. Percebem que não estão sozinhos em suas dificuldades.

Na análise da narrativa podemos perceber as seguintes palavras-força: liberdade, confiança, integração, relacionamento, amizade, dentre outras. Palavras essas que caracterizam o processo de cuidar. Para esse cuidador, o trabalho que realiza junto ao pequeno grupo é de grande valor, despertando a sensibilidade e a solidariedade.

De modo a referendar as palavras do cuidador, apresentamos abaixo o desenho elaborado por uma das pessoas cuidadas, visando entrelaçar a visão de cada um. Trata-se do desenho e do depoimento do membro Márcia.

---

<sup>2</sup> Termo proposto pela Escola de Palo Alto que dá conta do natural e do cultural. Se dá, a proximia, por exemplo, nas redes de amizade que não tem outra finalidade senão reunir-se sem objetivo, sem projeto específico. A consequência é a ajuda mútua. Temos, desse modo, a junção entre a proximia e a solidariedade. Em síntese, é o ser-estar-junto-com.

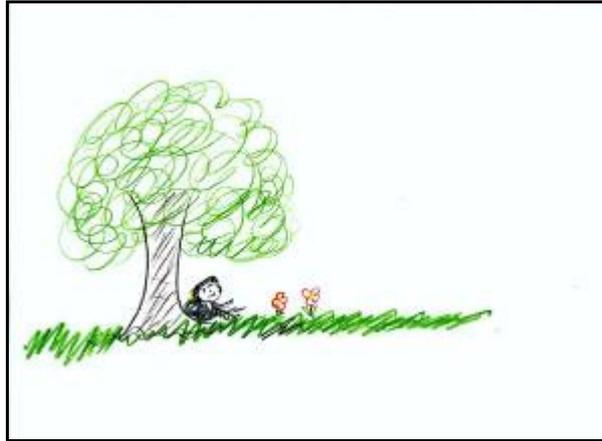


Figura 01: Árvore

O desenho apresenta uma pessoa que descansa sob a sombra de uma árvore verde, cercada por uma grama também verde, com flores do campo vermelhas. Segundo Chevalier & Gheerbrant (1993), a árvore representa a vida, em péripetua evolução e ascensão para o céu, evocando todo o simbolismo da verticalidade. Assinala, também, que a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu, o que nos leva a concluir que esse membro percebe o processo de cuidar no pequeno grupo como um processo de transcendência, transformação, o que equivale à alquimia. Para Durand (1993), a árvore é a ascensão cósmica.

Para tanto, utiliza a cor verde como o despertar para a vida, a esperança de uma vida melhor. Recostada sob a árvore, volta seu olhar para as flores vermelhas, cor essa que representa força, luta, coragem em busca de uma vida melhor.

O grupo é, portanto, a árvore que tem as raízes mergulhadas no solo, seus galhos elevados para o céu, que evoca um ciclo no qual se despoja e torna-se a recobrir-se de folhas novas todos os anos, como narra o texto abaixo:

***“(...) O pequeno grupo é a fonte que recarrega as minhas energias, consigo extrair dele através da comunhão com meus irmãos forças para a minha caminhada. Quando fui demitida do meu trabalho o pequeno grupo teve um papel muito importante para mim. Os meus irmãos me sustentaram em oração e amizade. Pude experimentar o amparo e a segurança de seus afetos. O pequeno grupo faz com que a gente exercite a amizade, o amor, solidariedade e o cuidado uns com os outros.”***

Força, sustentação, amizade, amparo, segurança, afeto, solidariedade e amor são as palavras escolhidas para representar os sentimentos desse membro.

Observamos que a narrativa do cuidador ganha força no desenho e no depoimento desse membro cuidado, e que as palavras-força de um estão presentes no discurso do outro.

Tanto a narrativa quanto o depoimento apresentam a importância de estar em grupo, apoiando e compartilhando as experiências relacionais, valorizadas por Schein (1982). O pensar de Enriquéz (1997) vai ao encontro das idéias de Schein, ao considerar, também, as características fundamentais da vida relacional do grupo, no que se refere ao compartilhar a experiência de vida e a construção da intimidade na comunidade grupal.

Um exemplo importante de compartilhamento é a participação de membros de idosos no contexto do pequeno grupo. Inicialmente eles se colocavam de maneira pouco expressiva. Com o passar do tempo, podemos observar uma alegria e um sentimento de amizade desenvolvido por parte desses membros, como indica a narrativa do cuidador Jonas:

***“(...) Temos em nosso pequeno grupo uma Senhora de 88 anos que não tem mais nenhum parente direto vivo, inclusive perdeu sua única filha há dois anos e vive sozinha com uma acompanhante. Quando chegou no pequeno grupo estava sadia, mas logo em seguida ficou doente com problemas cardíacos graves e ainda por cima sofreu uma queda em casa o que resultou em sua estadia no hospital durante mais de um mês, incluindo estadia no CTI, centro cirúrgico e a devida recuperação. Durante todo esse tempo ela foi acolhida pelo pequeno grupo, com carinho, visitas, orações e atenção concentrada e também doação de sangue pelos membros e parentes dos membros do pequeno grupo. Ela morava em São Paulo e aqui em Niterói ela disse que o pequeno grupo foi sua família, pois ainda não tinha um grupo de amigos que pudesse apoiá-la. Ela diz: o pequeno grupo foi tudo para mim e agora é mais ainda, pois posso retribuir fazendo o mesmo com outros.”***

Essa narrativa, do modo como o cuidador observa o seu trabalho, pode ser melhor compreendida no desenho e no depoimento do membro Ana.



Figura 2: Casa de Deus

O trabalho de cuidar está representado sob a forma de Casa, representando a igreja, que está envolta de um céu azul, com raios de sol, grama verde, sob o topo de um monte. Apresenta uma cruz amarela ao alto e os membros do grupo, para além do espaço da igreja. Todos de mãos dadas, adentram o céu e o sol, uma vez que não há paredes frontais, de fundo, como se na casa Deus não estivesse contido, uma vez que Ele transcende o espaço físico da igreja e se conecta com a natureza, o cosmos. No interior da casa, que apresenta-se de portas abertas, pode-se ler: “Eu sou casa, lugar de Deus. Ele habita em mim!”

Numa análise do simbolismo do desenho, podemos afirmar, tomando por base Chevalier & Gheerbrant (1993), que a casa significa o ser interior, o refúgio, a proteção.

A cruz, para Durand (1993), representa o símbolo da totalidade do mundo. É a união dos contrários. Indica a ascensão.

Para a tradição cristã, a cruz simboliza a história da salvação e a paixão do Salvador, além de simbolizar o Crucificado, o Cristo, o Salvador, o Verbo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Ela é mais do que a figura de Jesus, ela se identifica com a sua história humana, com a Sua Pessoa (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993).

O depoimento de Ana, abaixo, dá conta da representação do seu desenho, vejamos:

***“No pequeno grupo eu me sinto livre, as pessoas me aceitam como eu sou. É o momento que vou estar com os meus amigos e eles comigo. Momento de compartilhar. Deus está sempre presente conosco nesse momento que abrimos os nossos corações uns para com os outros. No pequeno grupo eu me sinto na casa do Senhor, com pessoas que me amam e sabem das minhas dificuldades e eu sei das delas. No***

***pequeno grupo eu me sinto aceita, pois quando falo, sou respeitada pelo que eu sou. No meu desenho os bonequinhos representam as pessoas do pequeno grupo, nossa amizade, e nossa fidelidade, uns com os outros.”***

Articulando o depoimento e desenho, podemos perceber que no pequeno grupo, as pessoas, ao serem cuidadas e amadas, desenvolvem, também, a capacidade de cuidar, se sentem valorizadas, motivadas pelo agradecimento, na medida em que retribuem o que recebem.

Na junção da narrativa de Jonas e no depoimento de Ana há a presença de: acolhida, aceitação, compartilhamento, apoio, retribuição, cuidado, doação, que caracterizam o trabalho de cuidar em pequenos grupos.

Em outro fragmento da narrativa de Jonas, encontramos elementos para afirmar que as diferenças, apesar de gerarem sofrimentos, proporcionam também amadurecimento, próximo ao que Enriquéz (1997) comenta sobre a comunidade como sendo o lugar em que as diferenças não geram desencontros, e as tensões proporcionam corações mais abertos ao encontro; onde a razão e o afeto não são mais antagônicos, mas favorecem uma realidade na qual cada membro do pequeno grupo pode ser totalmente ele mesmo, sem deixar de estar integrado nessa pequena comunidade. Vejamos a narrativa de Jonas e o desenho e o depoimento de Daniel que comprovam a afirmativa de Enriquéz (idem):

***“(...) A médio e longo prazo podemos observar outros resultados de uma caminhada de alguns anos com o pequeno grupo e com Deus, seguindo os princípios cristãos. A transformação ocorre no caráter. Pessoas irritadiças e nervosas se tornam mais tolerantes, pessoas desorganizadas financeiramente conseguem estabilidade, relacionamentos desestruturados são refeitos em novas bases e passam a viver mais felizes. (...) Assim, construímos relacionamentos e, o melhor de tudo, ganhamos novos amigos.”***

Daniel ao efetuar o desenho teve o cuidado, conforme ele explica no depoimento, de situar os membros do grupo com cores diferentes, destacando que embora as pessoas tenham as suas singularidades, que as tornam diferentes dos demais, no grupo essas diferenças cooperam para comunhão do grupo, uma vez que gera um encontro mais genuíno dos membros, o que confirma a idéia de Enriquéz de que a diferença favorece a abertura, para que cada membro do grupo possa ser ele mesmo e aceito.

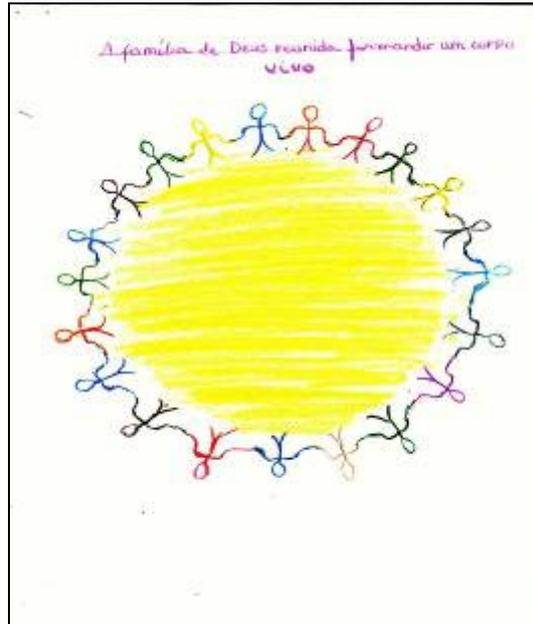


Figura 03: Família de Deus

***“(...) Não tenho dúvida que posso contar com a ajuda dos membros do grupo em qualquer situação. No meu desenho, procurei destacar cada boneco com uma cor diferente, porque percebo que no grupo as pessoas são muito diferentes. Cada pessoa tem uma história de lutas e dificuldades diferentes uma das outras, mas todos são bem aceitos e queridos. O círculo amarelo representa o calor, a vida e o amor que aprendemos ter uns pelos outros.”***

O desenho de Daniel apresenta-se sob a forma de um círculo, na qual os membros, representados por cores diferentes, estão de mãos dadas, o que demonstra o compartilhamento do grupo. O círculo simboliza perfeição, homogeneidade, ausência de distinção ou de divisão, podendo, ainda, simbolizar o mundo, o céu, de movimento circular e inalterado. Por essa via junta-se aos símbolos da Divindade, debruçada sobre a criação cuja vida ela produz e ordena.

A cor amarela é considerada a cor mais quente, intensa, ardente, a mais expansiva das cores. O amarelo é a cor da eternidade, como o ouro é o metal da eternidade. Como cita o próprio Daniel ao se referir à simbologia da cor amarela, considerando-a como calor, a vida e o amor.

O pensar do cuidador Jonas se entrelaça com o depoimento e o desenho de Daniel, na medida em que a individualidade não impede o compartilhar, a aceitação, a confiança, em suma, aquilo que se é.

Portanto, a experiência do cuidador e da pessoa cuidada confirmam que as diferenças de temperamento e de vida podem favorecer maior intimidade e solidariedade entre as pessoas do pequeno grupo.

A pesquisa em questão, favoreceu, também, um repensar sobre o papel do pequeno grupo quanto à questão do cuidar.

Observamos, através da pesquisa, que por meio do pequeno grupo a capacidade de cuidar expandiu-se.

O cuidado que antes estava restrito aos Pastores, Presbíteros e Diáconos, passou a ser função dos moderadores líderes. Isso permitiu que o cuidar pastoral se estendesse a um número maior de pessoas cuidadas.

O conceito de pequeno grupo aproxima-se do pensamento nietzschiano mencionado por Rocha (apud FEITOSA, 2006), em que o cuidado é processo, abertura, possibilidade de transformação.

O cuidado trabalha para a independência e autonomia da pessoa cuidada. Segundo Campos (2007), ao comentar Winnicott, o cuidado ou *holding*, contribui para o amadurecimento emocional do membro do pequeno grupo, o que significa uma disposição de amor ao se preocupar com o outro, e ainda, pelo amor que motiva, que se esforça por compreender e por cuidar.

Essa realidade pode ser percebida no fragmento da narrativa do moderador Isaías e no desenho e depoimento de João.

***“(...) As pessoas aprendem a reconhecer as suas próprias limitações para tratar estes problemas, e a orar uns pelos outros, confiando-os a Deus. Depois começam a observar as respostas de Deus, e isso vai encorajando-as a prosseguir desenvolvendo seus novos relacionamentos, com Deus e com as outras pessoas. Ao mesmo tempo as pessoas agem, na vida cotidiana, dentro daquilo que está ao seu alcance. Por exemplo, no campo profissional, pode haver quem esteja precisando de uma orientação jurídica e, havendo um advogado no pequeno grupo, este pode se dispôr a ajudá-lo. Da mesma forma, os demais podem ajudar com seus conhecimentos profissionais, de acordo com a natureza do problema. Também ocorre muito de termos pessoas queridas precisando de ajuda, por exemplo, num hospital. Os membros do pequeno grupo se identificam com aquela necessidade, vão até o hospital visitar o enfermo, se interessam eoram pela sua cura.”***

A narrativa de Isaías traz no bojo palavras como: confiança, encorajamento, relacionamentos, ajuda, solidariedade, oração, interesse e outras.

Essas expressões dão conta do sentimento representado no desenho do João, sob a forma de um coração vermelho que se revigora na união e no compartilhamento dos membros, como um sentimento maior de amor, solidariedade e esperança.

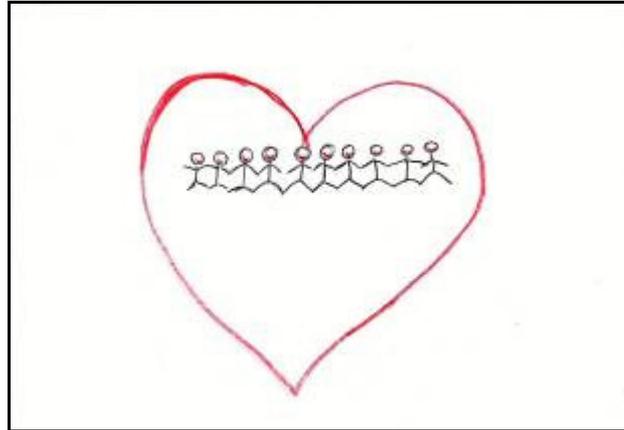


Figura 04: Coração

***“No momento em que estamos juntos no pequeno grupo podemos nos unir, podemos compartilhar nossos problemas, angústias e dificuldades e a partir da experiência de cada um, vivemos uma experiência nova, nos revigoramos. Podemos cuidar uns dos outros, nos dá uma nova esperança em relação aos nossos problemas.(...)”***

A figura do coração simboliza o princípio da vida, sede dos sentimentos, o homem interior, a sua vida afetiva, a sede da inteligência e da sabedoria. O vermelho representa o símbolo fundamental do princípio da vida, com sua força, seu poder e seu brilho (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993). Apresenta-nos, tanto o depoimento como a narrativa, a mola de propulsão que é cuidar no pequeno grupo para João.

Podemos respaldar as representações de João tomando por base as idéias de Mayeroff (apud WALDOW, 2005), que considera o cuidar como um processo que ajuda a pessoa a crescer e a se realizar, e que o cuidado envolve confiança mútua e transformação, tanto da parte de quem cuida, quanto da parte de quem é cuidado, além de ajudar a pessoa que é cuidada a ser capaz de cuidar de si-mesma e satisfazer suas próprias necessidades.

Boff (2008) acrescenta, ainda, que sem o cuidado, o amor não se sustenta, não se conserva, não se expande, e não gera possibilidades de encontros verdadeiros entre as pessoas.

Tem sido um fato marcante, dentro dos pequenos grupos, que ao experimentar ser cuidada, a pessoa se sente motivada para cuidar do outro, conferindo um sentido de esperança para sua vida, como nos mostra a narrativa abaixo do moderador Jeremias.

***“(...) O tempo foi passando e esse pequeno grupo multiplicou-se duas vezes, e eu me tornei moderadora líder e hospedeira<sup>3</sup> com muita alegria. Nesse novo tempo, chegaram novas pessoas no grupo, Lenice, uma Senhora viúva que recentemente tinha passado por um câncer, cheia de dificuldades, inclusive de depressão. Foi cuidada de uma forma muito amorosa por nós, ela sempre diz que ela é uma pessoa, quando chega no grupo e quando acaba é outra, muito melhor e mais disposta para viver. Ela está conosco já há quatro anos e hoje ela é hospedeira, e a mudança nela em várias áreas de sua vida é comentada pela própria família dela.”***

Essa narrativa, numa relação com o desenho efetuado por Timóteo, nos mostra a sensibilidade através da representação do cuidar na figura de uma flor, desenho esse que é explicado no respectivo depoimento.

Na análise do simbolismo do desenho podemos afirmar que a flor apresenta-se como figura arquetípica da alma, como centro espiritual, símbolo do amor, e são as palavras de Timóteo que endossam esse simbolismo, ao afirmar que a experiência no pequeno grupo é como o desabrochar de uma flor.

---

<sup>3</sup> Hospedeira significa o membro do pequeno grupo que hospeda de forma acolhedora os membros em sua casa.

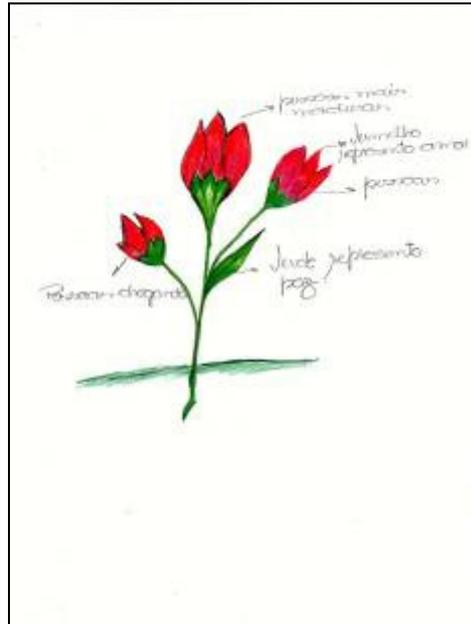


Figura 05: Flor Vermelha

***“A minha experiência no pequeno grupo é como o desabrochar de uma flor. As pessoas realmente desabrocham, chegam se sentindo pequenas e cheias de problemas, vão amadurecendo, crescendo, recebendo alimento, atenção e cuidado, são ajudadas, recebendo amparo uns dos outros. A minha flor representa o meu sentimento de crescimento, onde cada um no seu momento se encontra num processo particular de amadurecimento. Exercitamos o dar e o receber, encontramos força, sentimos a mudança em nossas vidas. Na minha flor o vermelho representa o amor, o verde paz e esperança. As flores menores os recém chegados no grupo. No grupo regamos e adubamos as nossas flores e os nossos corações.”***

Portanto, pode-se observar que o cuidado vivido no pequeno grupo está sempre associado ao amor, a um vínculo afetivo de solidariedade, pertença, preocupação e mutualidade dos membros.

Campos (2007), ao se referir ao pensamento de Winnicott sobre a prática do cuidado, comenta que a independência da pessoa se constrói na experiência da troca, no compartilhamento e na reciprocidade, em que o outro atua como cuidador. Quando se reconhece a importância do membro do pequeno grupo, começa-se a preocupar-se com ele estabelecendo a realidade do compartilhamento.

E esta realidade de compartilhamento irá propiciar a pessoa a reviver a mesma experiência de proteção e acolhimento de sua infância. E é este ambiente facilitador do pequeno grupo, que oferece proteção e apoio, que ajudará o membro a aprender a cuidar de si-mesmo.

Gros (apud RAGO, 2008) relembra também o pensamento de Foucault, que aborda a questão do cuidado de si não como uma tarefa solitária, faz-se necessário o caminhar junto de uma pessoa que já tenha experimentado o cuidado em sua vida. É necessário que aconteça nas atividades sociais, como por exemplo, no compartilhamento do pequeno grupo.

Outro fator marcante do trabalho do cuidar no pequeno grupo diz respeito à alegria que desperta naquele que é cuidado. Na narrativa do cuidador Isaías, pode-se apreender palavras como amor, solidariedade, carinho, acolhida, atenção, amizade, cuidado e fé, que acabam por trazer alegria aos membros do grupo.

***“(...) Uma outra Senhora, também idosa, recebeu do pequeno grupo, o carinho, a atenção, o cuidado e amizade que fizeram com que ela se recuperasse de uma depressão. Ela ficou sozinha, pois, perdeu seus dois irmãos num curto espaço de tempo e que moravam com ela. As visitas, telefonemas, abraços, e incentivo do pequeno grupo a cercaram de maneira tão amorosa que hoje ela não se cansa de dizer: “vocês me tiraram do buraco!” O pequeno grupo é isso, um exercício diário de amor e cuidado, pois durante toda a semana estamos nos falando, orando uns pelos outros e cuidando para que não falte abraço e atenção. No nosso encontro semanal, completamos a jornada testemunhando uns aos outros o cuidado de Deus conosco e o que temos feito com o que Ele nos ensinou – Amai-vos uns aos outros.”***

Esta alegria é representada pelo sorriso desenhado pelo membro Clara, numa representação objetiva que traduz a satisfação e o prazer que o trabalho proporciona. A face, sob a forma de um sol, assemelha-se a uma fonte de luz, de calor, de vida que aquece os sentimentos e as emoções. O sol está no centro do céu como o coração está no centro do ser.

A cor amarela dá conta da intensidade do sentimento ao participar do cuidar em grupo. Cor essa também representada no desenho de Daniel.

Palavras como cuidado, carinho, amor, amparo, acolhida e aceitação estão presentes no depoimento de Clara, fornecendo-nos a importância do cuidar.

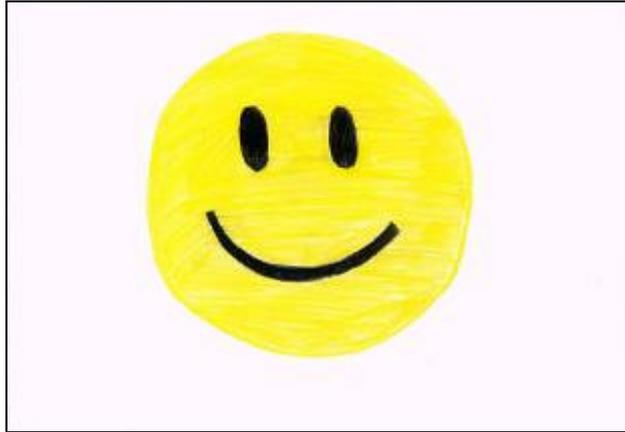


Figura 06: Smile

***“Ser cuidado no pequeno grupo para mim, significa esse smile, que representa todo o carinho e o amor que o grupo tem por mim e que eu tenho pelo grupo. Por mais que o meu dia tenha sido um dia difícil, quando chego no pequeno grupo posso compartilhar minhas preocupações, problemas e a sensação das dificuldades que tive naquele dia. Esse compartilhamento me renova as forças, me sinto aceita, amparada, acolhida, sei que tenho um grupo de amigos e que posso contar com ele.(...) e sempre que posso convido pessoas para visitar o meu grupo, desejando que eles sintam a mesma alegria, o mesmo conforto que eu sinto. O pequeno grupo para mim é esse grande sorriso. O amarelo representa a força, o calor, a intensidade dos nossos sentimentos. A alegria que sinto depois da reunião é especial, pois ainda que meu dia tenha sido difícil, ao final da reunião sempre me sinto melhor.”***

O depoimento da pessoa cuidada de que é tão bom ser cuidada no grupo a motiva, sempre que pode, a convidar pessoas para participarem do cuidado. É um indicativo importante, de que o ser cuidado motiva as pessoas a cuidarem, a multiplicarem a cultura do cuidado com outras pessoas fora do grupo. O cuidado traz também a perspectiva da inclusão ressaltada por Neighbour Jr. (2007), quando se refere à etapa da abertura do pequeno grupo, onde as pessoas são estimuladas, pela própria condição de serem cuidadas, a convidar pessoas que estão fora do grupo a fazer parte dele.

Trata-se de uma maneira de se intensificar as relações dos membros do grupo de dentro para fora, pela prática do cuidado mútuo. O cuidado atua num horizonte comunitário e institucional, ele privilegia o outro.

Todo cuidado recebido é para ser compartilhado socialmente e politicamente numa dimensão maior.

Os membros dos pequenos grupos relatam que o cuidado que recebem em suas vidas pessoais, eles procuram compartilhar com suas famílias, casamentos, e na relação com os filhos.

E alguns ainda relatam que no trabalho, a relação com os subordinados torna-se diferente. Eles estão preocupados em proporcionar cuidado na relação com seus subordinados e colegas de trabalho.

Boff (2008) explica que quando o cuidado é exercido no contexto do grupo, sua prática se intensifica e se expande no contexto da comunidade.

Esse exercício do cuidado no pequeno grupo lembra ainda a definição de corpo do pensamento nietzschiano, comentada por Barrenechea (2009), como um jogo de processos instintivos, um confronto de forças orgânicas que disputam espaço para impor sua potência.

Os membros chegam ao pequeno grupo com suas histórias fechadas, sem possibilidades de mudança. Pessoas já definidas, com seus destinos determinados por suas histórias, que eles acreditam não poderem mudar.

Barrenechea (2009), ao comentar o pensamento nietzschiano, destaca os aspectos da impermanência, do mutável e do instável.

Creio que o pequeno grupo, como corpo de processo descrito por Nietzsche, possibilita aos membros vivenciarem a impermanência de seus valores existenciais, as incessantes alterações no plano das idéias, das emoções, dos afetos e dos desejos, que se diversificam a cada momento.

Nesse sentido, o pequeno grupo, entendido como um jogo de processos instintivos, de forças orgânicas brigando por impor sua potência, de emoções e volições que mudam a cada momento, de incessantes alterações, acaba por favorecer a re-significação das tragédias pessoais dos membros do grupo, pois o sofrimento então possui um sentido que é mutável, e sempre há uma nova oportunidade, podendo as pessoas refazerem as suas vidas, seus casamentos, seus relacionamentos etc. A narrativa de Jeremias abaixo é uma comprovação disso.

**(...) Tivemos o prazer de conviver com Mariza, hoje está no Senhor (faleceu), ela, uma mulher com sérios problemas familiares e de saúde muito debilitada, pois estava na fila do transplante de fígado, não conhecia a Jesus como Salvador. Começou a frequentar o grupo e nós também a amamos. Desde que chegou lá, ela recebeu apoio em várias situações difíceis, tanto quando precisava internar no hospital como quando precisou de ajuda com sua filha doente (bipolar). Essa filha chegou até a expulsar de casa. Outra situação difícil foi que essa filha, que precisava de internação por causa das crises, se recusava a ser**

internada. Viajou para Paris, e lá teve uma crise e foi internada numa clínica e cuidada por Deus e nós aqui com Mariza intercedendo por ela. Bem, Mariza tempos depois faleceu no Senhor. E sua filha Andréia, hoje aceita ser tratada e frequenta nosso grupo e tem sido muito acolhida por nós e Deus está continuando com a obra Dele nas nossas vidas.

O desenho e o depoimento de Julia dão conta, por inteiro, do significado do processo de cuidar.

Em seu depoimento, Julia fala da transformação, de uma nova vida ao experimentar Deus por meio do relacionamento no pequeno grupo.

Palavras como transformação e liberdade marcam o seu discurso, e é na figura de uma borboleta que se liberta do seu casulo, que Julia opta por fazer o seu desenho.

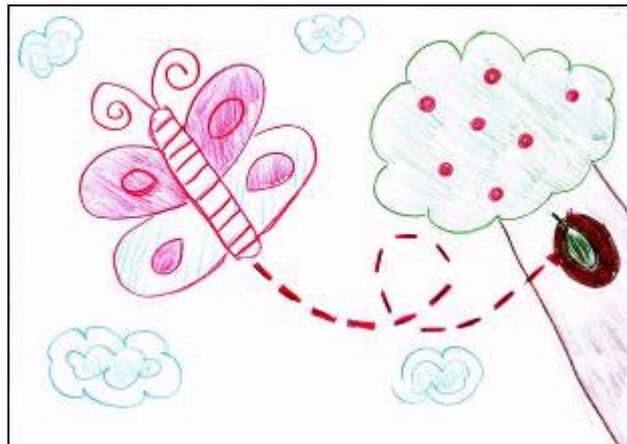


Figura 07: Borboleta

***“Eu gosto do pequeno grupo porque tenho me tornado uma pessoa melhor. (...) Escolhi esse desenho para demonstrar a transformação, uma nova vida! Antes de conhecer a Deus eu era uma lagarta e quando conheci a Deus de verdade, por meio do relacionamento do pequeno grupo, passei por uma transformação, aí eu me tornei em uma borboleta. Borboleta para mim significa liberdade para poder voar para qualquer lugar, e com Deus e meu pequeno grupo eu sou livre.”***

A simbologia da borboleta traz a idéia da metamorfose, da transformação. O estado de crisálida é o ovo que contém a potencialidade do ser. A borboleta ao sair do casulo simboliza a ressurreição, a saída do túmulo, a nova realidade, a nova esperança, a nova vida.

Tanto a narrativa quanto o desenho destacam a possibilidade de mudança, da permanência, da abertura, da re-significação das histórias de sofrimento vividas pelas pessoas.

Essa etapa é caracterizada por Neighbour Jr. (2007) como a da comunidade, onde os vínculos construídos entre os membros do pequeno grupo favorecem uma segura expressão comunitária que fundamenta as transformações e re-significações de suas histórias.

Delors (2000) também destaca essa fase da comunhão, que ele denomina **pilar do aprender a viver juntos**, como um dos pilares mais importantes para a educação do século XXI.

Todas essas pessoas são unânimes em declarar as mudanças sofridas em suas vidas, estão mais alegres, estão vinculadas a seus grupos, sentem-se apoiadas e encorajadas mutuamente. Tem um propósito de cuidar de si mesmas e de outras pessoas que estejam sofrendo carência de cuidado, isso as motiva, são pessoas mais relacionais e mais comunicativas.

Se há uma necessidade ou emergência, são os pequenos grupos que se mobilizam com maior rapidez. Estão sempre conectados e atentos a qualquer tipo de carência dentro e fora da Igreja, como por exemplo, se um vizinho de um membro do pequeno grupo passa por alguma necessidade, todo o pequeno grupo se mobiliza para ajudar.

## 6 CONCLUSÃO

O cuidar em pequenos grupos como processo educativo, prática realizada na Igreja Presbiteriana Betânia, apontou, a partir da realização dessa pesquisa, que trata-se de uma atividade grupal, comunitária, que vem promovendo construção de vínculos, por meio de um processo de cuidar educativo sob a ótica de uma educação que se deseja para o século XXI.

A Igreja, como Instituição organizada, vem dando uma atenção especial ao trabalho de cuidar educativo realizado nos pequenos grupos.

Podemos afirmar que o cuidar educativo está voltado para as duas dimensões da educação, isto é: como o ato de alimentar, amamentar e que expressa a idéia de conduzir para fora, fazer sair, tirar de e um ato de desenvolver, de dentro para fora, algo que está no indivíduo, como um ato de cuidar do desenvolver a condição humana, uma vez que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico.

Nos pequenos grupos, o amor e fé estão relacionados às práticas de aprender a vivermos juntos, numa realidade vivenciada que vai além da palavra proferida nos cultos.

Permite, também, o aprender a ser em função de uma educação cuidadora que contribui para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético e responsabilidade espiritual.

Percebemos que o cuidar está voltado para o desenvolvimento humano em função do acolhimento no pequeno grupo com amor e solidariedade. Há uma abertura e um movimento de generosidade em relação ao outro.

É necessário aprender a se relacionar, a viver junto, considerar o outro em sua diversidade, aceitá-lo em sua especificidade, ser generoso na relação com o outro, permitir que suas forças apolíneas e dionisíacas possam trazer um novo sentido para sua vida.

A renovação do sentido da existência, do vigor do existir depende da tensão das forças apolíneas e dionisíacas e de sua exposição, e seu acolhimento num contexto de grupo que tem uma função de cuidar, acompanhar, aceitar e amar.

O cuidar educativo sem o amor não permanece. O cuidar implica numa manutenção, é sendo cuidado e amado que aprendemos a cuidar e amar a nós mesmos.

Até a realização dessa pesquisa não havia como avaliar, mensurar o nível de atuação desses grupos.

Foi, a partir desse trabalho, que passamos a compreender a dimensão que essa tarefa tem para a vida das pessoas.

No início do nosso trabalho, que resulta nessa dissertação, optamos por tentar responder questões que pudessem explicar como se sentem as pessoas cuidadas que participam dos pequenos grupos, e como se sentem e agem os cuidadores, uma vez que o problema que norteou a pesquisa foi: Como se dá o processo do cuidar educativo no pequeno grupo na Igreja Presbiteriana Betânia do Brasil.

Acreditamos que nosso trabalho atingiu os objetivos propostos, na medida em que essas questões foram respondidas.

Prova disso estão nas respostas dos cuidadores e dos cuidados aos instrumentos de pesquisa, através dos quais, fomos surpreendidos pelos mais lindos depoimentos e desenhos.

As pessoas que cuidam expressaram o modo como desempenham o seu trabalho de modo peculiar, fazendo menção aos mais diferentes problemas trazidos para o grupo, atuando sobre eles de modo amigo, carinhoso e altruísta.

Essas narrativas sobre o cuidar esclarecem e pontuam cada vez mais o compromisso da Igreja em manter e aperfeiçoar esse tipo de trabalho.

A pesquisa em questão, na sua busca pelo simbolismo, apreendeu imagens de casa, de borboleta, corações, mandala, árvores, flor, sol, o que denota a busca dessas pessoas por uma vida melhor. Cores como amarelo, vermelho, verde, expressaram o sentido da vida, da luta, da força e da solidariedade entre as pessoas.

O fato é que essas imagens somadas às palavras-força como: amor, solidariedade, acolhida, carinho, atenção, amizade, cuidado, fé, confiança, liberdade, ajuda, amigos, família, libertar, transformar, acolher, apoiar, ajudar, vida, orientar, carinho, amparo, alegria, compartilhar, fidelidade, serenidade, beleza, unir, revigorar, proteção, segurança, descanso, crescimento, mudança, paz e esperança nos dão a importância do valor do trabalho dessa instituição, portanto, incentivar a realização

do trabalho do cuidar é uma responsabilidade que deve ser mantida pela Igreja. Esse trabalho deixou claro, de maneira documental, que nos pequenos grupos os membros sentem-se cuidados, e que os cuidadores, ao praticarem o cuidado, recebem também o cuidado.

É importante que a Igreja leve esse trabalho para outros departamentos e proporcione ao moderador líder, supervisor e Pastor de Congregação, uma educação continuada através de cursos de treinamento e capacitação.

A pesquisa permitiu comprovar que a comunidade do pequeno grupo, através do simbolismo e das palavras-força, faz da palavra ouvida do culto uma vivência para todos, na medida em que pode ser traduzida, interpretada nos pequenos grupos, devendo ser ampliada e multiplicada para outras redes de relações como: a família, o trabalho, os vizinhos. Terminamos essa pesquisa com o pensamento de Boff (2008), ao afirmar que o amor sem o cuidado não permanece. Daí a importância do trabalho do cuidar com amor as pessoas em pequenos grupos.

## REFERÊNCIAS

- ANZIEU, Didier. **O Grupo e o Inconsciente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche e o Corpo**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2009.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.
- BLEGER, José. O Grupo como Instituição e o Grupo nas Instituições. In: KAES, René. **A Instituição e as Instituições: estudos psicanalíticos**. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 1.ed., 1981. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol.2. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Diário Oficial da União (DOU), em 23/12/1996.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CAMPOS, Eugênio Paes. **Quem Cuida do Cuidador**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.
- COENEM, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- DELORS, Jacques (Coord.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, UNESCO, MEC, 2000.
- DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e Pedagogia**. Portugal: Piaget, 1992.

- DURAND, Gilbert A. **A Imaginação Simbólica**. Portugal: Edições 70, 1993.
- ENRIQUÉZ, Eugene. **A Organização em Análise**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ENRIQUÉZ, Eugene. O Trabalho da Morte nas Instituições. In: KAES, René. **A Instituição e as Instituições: estudos psicanalíticos**. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.
- FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel (Org.). **Assim Falou Nietzsche II**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel; PINHEIRO, Paulo (Org.). **Nietzsche e os Gregos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2009.
- GALLO, Silvio. Foucault: (re)pensar a educação. In: RAGO, Margareth; NETO, Alfredo Veiga (Org.). **Figuras de Foucault**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GARCIA, Walter. **Educação. Visão teórica e Prática Pedagógica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.
- GROSS, Frédéric. O Cuidado de Si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; NETO, Alfredo Veiga (Org.). **Figuras de Foucault**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- JAEGER, Werner. **Paidea: a formação do homem grego**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LAPASSADE, Georges. **Grupos, Organizações e Instituições**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- LEVY, André; NICOLAI, André; ENRIQUÉZ, Eugene; DUBOST, Jean (Org.). **Análise Social e Intervenção**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MEDEIROS, Sandra Albernaz. **Memória do Presente: os escritos sobre as mesas no cotidiano escolar**. Tese de Doutorado em Memória Social. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2009.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2006.

NEIGHBOUR, Ralph W. Jr. **Manual do Líder de Célula**. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

\_\_\_\_\_. **Assim Falava Zaratustra**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre Educação**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

OUTEIRAL, José; HISADA, Sueli; GABRIADES, Rita (Coord.) **Winnicott: Seminários Paulistas**. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PAGÉS, Max. **A Vida Afetiva dos Grupos**. 2.ed. Coleção Psicanálise. Petrópolis: Vozes, 1982.

PORTOCARRERO, Vera. Práticas Sociais de Divisão e Constituição do Sujeito. In: RAGO, Margareth; NETO, Alfredo Veiga (Org.). **Figuras de Foucault**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAGO, Margareth; NETO, Alfredo Veiga (Org.). **Figuras de Foucault**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCHEIN, Edgar H. **Psicologia Organizacional**. 3.ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1982.

SOBRINHO, Noelio Correia de Melo. A Pedagogia de Nietzsche. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação**. São Paulo: Loyola, 2003.

THOMAZ, Sueli Barbosa. Dimensões Esquecidas na Organização do Trabalho da Escola. In: **Contexto & educação: revista de educación en América Latina y el Caribe**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1997.

WALDOW, Vera Regina. **O Cuidado na Saúde**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

WINNICOTT, Donald W. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Tudo Começa em Casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.